



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA (LICENCIATURA)

DIEGO FERREIRA RANDS

**RECURSOS MONSTRUOSOS:  
usos e percepções das baleias no Atlântico Norte dos séculos XIII-XVI**

Recife

2024

DIEGO FERREIRA RANDS

**RECURSOS MONSTRUOSOS:  
usos e percepções das baleias no Atlântico Norte dos séculos XIII-XVI**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Augusto Ribeiro.

Recife

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Rands, Diego Ferreira.

Recursos Monstruosos: usos e percepções das baleias no Atlântico Norte dos séculos XIII-XVI / Diego Ferreira Rands. - Recife, 2024.

50 p. : il.

Orientador(a): Felipe Augusto Ribeiro

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, História - Licenciatura, 2024.

Inclui referências.

1. Baleias. 2. Imaginário. 3. Representação. 4. História Medieval. 5. História Ambiental. I. Ribeiro, Felipe Augusto. (Orientação). II. Título.

900 CDD (22.ed.)

DIEGO FERREIRA RANDS

**RECURSOS MONSTRUOSOS:**

**usos e percepções das baleias no Atlântico Norte dos séculos XIII-XVI**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em História.

Aprovado em: 25/03/2024

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Felipe Augusto Ribeiro (Orientador)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Dr. Jose Marcelo Marques Ferreira Filho (Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Dr. Bruno Uchoa Borgongino (Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco

## AGRADECIMENTOS

Nenhum trabalho é fruto de uma única pessoa. E este não seria diferente. Em primeiro lugar, quero agradecer aos docentes que foram essenciais nessa trajetória, como a Professora Érica Lopo e o Professor George Cabral, os quais me ajudaram a dar os passos iniciais na pesquisa em História, ao Professor Bruno Borgongino, que incentivou meu interesse pelo medievo, ao Professor José Marcelo, que me apresentou à História Ambiental, e é claro, meu orientador, Professor Felipe Ribeiro, que me ajudou e muito a superar (ao menos quero acreditar nisso) meu calcanhar de Aquiles com relação à pesquisa, e a dar um norte para todo o trabalho. Sem eles esta empreitada seria impossível.

Não posso deixar de mencionar meus amigos que a Universidade proporcionou, Lara Freire e Alexsandro Barbosa, cujas conversas, discussões e brincadeiras animaram e inspiraram os dias de labuta dentro e fora da faculdade. Também merecem um agradecimento especial Victor Aguiar e José Guilherme Pandolfi, que muito me ajudaram nas pesquisas sobre História Ambiental, recomendando textos e abordagens. Sem eles o resultado desse trabalho seria muito inferior, ou talvez nem existisse. Também menciono aqui todos os colegas do LEME e do LEOM, em especial Suênia Damásio, José Ivson Marques, e Janyne Figueiredo, que só fizeram aumentar meu interesse pelo período medieval.

Impossível deixar de fora a minha amada família, pois sem o suporte familiar esta tarefa seria impossível. Assim, agradeço aos meus pais, Maurício e Patrícia, os quais me apoiam em todas as minhas decisões, mesmo as mais malucas. À minha irmã, Tatiana, cuja pressão típica de primogênitos me força a sair da zona de conforto e me esforçar mais. Agradeço também às minhas sobrinhas, Marina e Júlia, razões do meu viver e de uma esperança por um mundo melhor. Por fim, quero deixar um agradecimento todo especial a minha filha, Nala, a vira-lata mais maravilhosa desse mundo, sempre ansiosa pela minha companhia e cujo carinho me aquece o coração nos momentos mais difíceis.

Muito obrigado!

## RESUMO

O presente trabalho visa analisar as percepções e usos que alguns povos do Medievo tinham e faziam das baleias. Para tal, analisamos o imaginário medieval acerca destes animais e suas representações nas fontes literárias e imagéticas, bastante diversas, tanto em relação à data de sua produção quanto à localização (mas concentradas no Atlântico Norte dos séculos XIII-XVI), de modo a obtermos um panorama mais geral. As fontes mais importantes para nosso estudo foram o *Espelho do Rei* (c. 1250), de autor desconhecido, e *Uma Descrição dos Povos Nórdicos* (1555), de Olaus Magnus. Em seguida, discutimos os métodos de obtenção de baleias, se era restrita ao aproveitamento de animais encalhados, ou se havia uma caça deliberada a esses cetáceos. Por fim, analisamos os muitos usos possíveis dos diversos produtos obtidos das baleias durante a Idade Média.

**PALAVRAS-CHAVE:** Baleias. Imaginário. Representação. História Medieval. História Ambiental.

## **ABSTRACT**

This work intends to analyze the perceptions and uses that some medieval peoples had and made of whales. For that, we analyzed the medieval imaginaries concerning these animals and their representations through quite diverse literary and imagery sources, both regarding the date of its production as with its location, so that we can have a broader panorama. The main sources were the King's Mirror (c. 1250), author unknown, and A Description of the Northern Peoples (1555), by Olaus Magnus. Afterwards, we discussed the various methods of acquiring whales, if it was restricted to the scavenging of stranded animals, or if there was a deliberate hunt for these cetaceans, and, at last, we analyzed the many possible uses of all the products obtainable throughout the Middle Ages.

**KEYWORDS:** Whales. Imaginary. Representation. Medieval History. Environmental History.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	7
1.1.    DESCRIÇÃO DE FONTES E RECORTE ESPAÇO-TEMPORAL .....	8
1.2.    PROBLEMAS, OBJETIVOS E JUSTIFICATIVA.....	11
1.3.    HISTORIOGRAFIA E MARCO TEÓRICO .....	12
1.4.    METODOLOGIA.....	15
2. AS BALEIAS NO IMAGINÁRIO MEDIEVAL.....	17
2.1.    JONAS E PORFÍRIO.....	18
2.2.    O <i>SPECULUM REGALE</i> (SÉCULO XIII).....	21
2.3.    OLAUS MAGNUS E OS BESTIÁRIOS (SÉCULO XVI).....	26
3. OBTER E USAR AS BALEIAS.....	32
3.1.    FORMAS DE OBTENÇÃO .....	34
3.2.    USOS POSSÍVEIS .....	36
4. CONCLUSÃO .....	44
5. REFERÊNCIAS.....	47
5.1.    FONTES PRIMÁRIAS E SECUNDÁRIAS (OU DOCUMENTOS):.....	47
5.2.    ESTUDOS .....	47

## 1. INTRODUÇÃO

Em tempos de emergência climática, a abordagem da História Ambiental tem sido cada vez mais valorizada pelos historiadores (Worster, 1991; Passmore, 1975). Nesse sentido, o estudo das relações entre os seres humanos e outras espécies animais têm ganhado importância (Adamson; Edwards, 2018): se considerarmos o caso específico das baleias, por exemplo, de sua função no meio ambiente e de como os homens historicamente se relacionam com elas, observamos um relevo particular devido ao papel da megafauna marinha na mitigação das mudanças climáticas em função dos gases de efeito estufa. Em estudo recente, o Fundo Monetário Internacional (FMI) estimou o impacto ambiental de uma única baleia de grande porte em cerca de 2 milhões de dólares, visto que as baleias capturam carbono da atmosfera e contribuem para a sustentabilidade da indústria pesqueira e do turismo de observação<sup>1</sup>. Em se tratando de captura de carbono, essencial para mitigar as mudanças climáticas, estima-se que num ciclo de vida médio de 60 anos, uma única baleia de grande porte acumula 33 toneladas de carbono, os quais, após sua morte, vão parar no fundo do oceano, preservando a atmosfera (Roman; Mccarthy, 2010). Ademais, as baleias são essenciais para a manutenção do equilíbrio dos oceanos e, por consequência, da vida na terra, devido ao seu papel na fertilização e crescimento do *phytoplankton* e outras plantas marinhas, as quais são responsáveis pela produção de 50% de todo o oxigênio do planeta (Martin et al, 2021).

No entanto, a percepção da importância das baleias para o equilíbrio climático do planeta é uma descoberta recente, e por muito tempo esses animais foram, primeiramente, vistos como demônios ou seres monstruosos, para, então, serem entendidos e explorados como recursos (Szabo, 2008) e caçados até à beira da extinção. Na tradição bíblica encontramos a história de Jonas, engolido por uma baleia enviada por Deus<sup>2</sup>; a narrativa sobre esse caso ressoou no imaginário medieval, sendo tida como um teste de fé para os marinheiros. Ao mesmo tempo, devido ao

---

<sup>1</sup> Informação constante em: WORLD ECONOMIC FORUM. **Whales are vital to curb climate change: this is the reason why**. Publicado em: 29 nov. 2019. Disponível em: <https://www.weforum.org/agenda/2019/11/whales-carbon-capture-climate-change/>. Acesso em: 27 jul. 2023.

<sup>2</sup> O conto de Jonas consta no capítulo 2 do livro homônimo, pertencente aos chamados “Livros Proféticos”, que compõem o Antigo Testamento. O texto pode ser consultado, entre outros, na edição pastoral da *Bíblia Sagrada*, publicada pela Editora Paulus, com versão digital disponível em: <https://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/INDEX.HTM>. Acesso em: 27 jul. 2023. Com efeito, a história de Jonas é a narrativa de um teste de fé, imposto por Deus quando seu profeta Dele duvidou.

tamanho colossal e ao comportamento violento de algumas espécies, as baleias eram bastante temidas e evitadas. É durante o período medieval que encontramos alguns dos principais registros e relatos de uma caça sistemática às baleias (Szabo, 2008), sendo que antes os recursos proporcionados por cetáceos eram basicamente aproveitados de indivíduos que encalhavam nas praias, algo que ainda se manteve durante o Medievo. Quanto a eles, aliás, basicamente todo o animal era aproveitado, desde a carne para consumo, aos ossos para confecção de utensílios, ferramentas e até como material de construção. Mas o bem mais importante a ser extraído era o óleo de baleia, o qual veio, posteriormente, a fomentar toda a indústria da caça às baleias, até o seu banimento, em 1986<sup>3</sup>.

Assim, o presente trabalho aborda o imaginário e os usos que os povos da Europa medieval tinham das baleias, desde seu caráter mítico e monstruoso, até a importância delas como valiosos recursos de usos diversos. Nesse sentido, abordamos a incipiente caça às baleias que ocorria no período, utilizando-se, para tal, de fontes primárias como os bestiários, relatos de monges, pescadores e navegadores do período em questão, além da historiografia pré-existente acerca do tema. Vemos, assim, como o imaginário prevalecente, não só acerca das baleias, mas da natureza como um todo, é a de um papel de subserviência ao ser humano, no sentido de que tudo que é natural é criação divina para proveito do homem (Thomas, 2010, p. 21-31).

### 1.1. DESCRIÇÃO DE FONTES E RECORTE ESPAÇO-TEMPORAL

Em vista desse quadro, nossa pesquisa foca os contatos que os homens estabeleciam com as baleias durante o Medievo. O estudo parte de alguns relatos, dentre os quais estão a *História das Guerras*, do historiador bizantino Procópio de Cesareia (c. 500-565), que narra os eventos envolvendo uma célebre baleia apelidada de Porfírio, a qual aterrorizou os arredores de Constantinopla por cerca de 50 anos durante o século VI, naufragando inúmeros navios e desviando muitos outros de sua rota, a ponto de alterar vias comerciais e de o Imperador Justiniano (527-565) ordenar

---

<sup>3</sup> A Comissão Baleeira Internacional estabeleceu a moratória da caça comercial de baleias em 1982, em vigor desde 1986. No entanto, Noruega, Islândia e Japão ofereceram objeções e seguem praticando a caça comercial. Informação disponível em: <https://iwc.int/management-and-conservation/whaling/commercial>. Acesso em: 27 jul. 2023.

que a matassem, embora sem qualquer sucesso. Este relato, como veremos, demonstra o perigo e o temor inspirado por esses animais, além da dificuldade de abatê-los. Embora se trate de um texto do século VI que tem o Mediterrâneo como cenário – e estaria, portanto, fora do nosso escopo – a história de Porfírio se mostrou de bastante relevância não só para nossa pesquisa, pois foi a primeira fonte medieval sobre baleias que encontramos, como também para a formação do imaginário da época acerca desses animais, sendo inclusive citado em obras posteriores, como veremos adiante. Algo similar pode ser dito sobre o relato bíblico de Jonas e a Baleia, o qual foi essencial para a formação das ideias e percepções acerca desses animais.

Já no Atlântico Norte, num período tardio, vemos que os povos nórdicos, devido à íntima relação com o mar e a maior abundância de cetáceos, são mais familiarizados e possivelmente os pioneiros, juntos com os bascos, ao menos na Europa, na caça sistemática de baleias de grande porte, como explicitado nos textos do monge Olaus Magnus (1490-1557), em que ele conta sua experiência na Noruega, assim como o texto conhecido como *Speculum Regale* ou *Espelho do Rei* (c. 1250) (*The King's Mirror*, 1917), cujo autor, desconhecido, narra diversas questões práticas da Islândia e Groenlândia, incluindo as baleias e suas relações com as populações locais. A relação mais estreita dos povos nórdicos com os grandes animais marinhos era inclusive reconhecida pelos contemporâneos, mas acreditava-se que era devido à maior influência demoníaca, e não por razões culturais e/ou ecológicas (Szabo, 2008, p. 177).

Partimos, assim, de relatos diversos, com foco especial no *Speculum Regale* e no relato de Olaus, intitulado *A Description of the Northern Peoples* (ou *Uma Descrição dos Povos Nórdicos*) e datado de 1555. Como fontes secundárias e auxiliares, as quais serviram de base para a pesquisa sobre o imaginário referente às baleias, utilizamos os relatos de Procópio de Cesareia sobre a baleia Porfírio, o trecho bíblico que conta a história de Jonas, o qual foi engolido por uma baleia como teste de fé, e ainda os verbetes de bestiários medievais, como o *Old English Physiologus* (Cook, 1821) e aqueles compilados por Ignácio Malaxecheverria (2002), de modo a auxiliar no entendimento sobre a percepção que o europeu medieval possuía destas criaturas através da análise dos termos e morais empregados. Também como fonte secundária estudamos relatos mais esparsos, como o texto *Two Northern Voyages*, escrito pelo Rei Alfred (849-899), no qual narra os relatos de dois viajantes nórdicos que mencionam especificamente a caça às baleias em seus países; ou o

“testemunho” de um pescador que se recusa a arriscar a vida na perseguição desses animais, presente no *Aelfric's Colloquy* (c. 987). Ambos os textos fazem parte da compilação *Anglo-Saxon Prose*, de Michael Swanton, e nos ajudarão a melhor entender a problemática acerca da caça às baleias no período<sup>4</sup>.

O primeiro texto mencionado acima, isto é, o *Speculum Regale*, diferente das sagas e outros textos épicos nórdicos, é uma obra do século XIII de utilidade prática e didática, em que se relata as características e maravilhas naturais da Islândia e da Groenlândia, os animais terrestres e marinhos que lá habitam, dicas de navegação, bem como o funcionamento da sociedade islandesa à época, desde a correta cortesia ao se dirigir ao rei, até os deveres e atividades dos demais membros e o aparato militar dos islandeses. Devido a este caráter descritivo e utilitário, procedemos a uma análise dos trechos do texto (capítulos XII e XVI) em que se mencionam baleias e outras criaturas marinhas de grande porte, sejam elas míticas (como o Kraken, por exemplo) ou reais (como as morsas), de modo a termos uma melhor compreensão da visão do autor acerca dos animais marinhos e como as sociedades descritas se relacionavam com eles. Dado suas características, este texto será essencial para analisarmos as percepções que os islandeses tinham das baleias, além da diversidade de espécies e a capacidade de diferenciá-las, demonstrando um conhecimento que ora afasta a percepção desses animais como monstros, ora os descreve como tal.

O segundo texto, cujo autor é o último arcebispo católico da Suécia, Olaus Magnus, O Gótico, trata-se de uma vasta obra com mais de 20 livros, contendo descrições abrangentes dos povos nortenhos, com destaque para seus costumes, crenças, folclores etc. Os volumes 20 e 21 da obra nos são particularmente importantes, pois lidam com peixes e monstros marinhos, respectivamente. Através da análise do texto, podemos observar o que este clérigo pensava e tinha a dizer sobre os grandes cetáceos e como os povos nórdicos se relacionavam com eles. Aqui foi necessária uma análise mais minuciosa, pois, em comparação com o *Espelho do Rei*, o relato de Olaus é mais fantasioso e impressionante, tendo em vista seu intuito de criar uma obra atrativa para um público mais amplo, indo muito além do propósito utilitário e educativo da primeira fonte aqui mencionada, daí a necessidade de

---

<sup>4</sup> À exceção do texto de Procópio, que acessamos por meio de uma tradução espanhola, todos os demais textos foram consultados em traduções para o inglês moderno. As citações que fizemos deles foram vertidas ao português por nós mesmos.

empregar a análise do texto para compreender a ideologia e concepções deste autor. Também de autoria de Olaus Magnus, utilizamos algumas gravuras presentes no seu mapa do Mar do Norte, intitulado *Carta Marina* (1539), na qual podemos ver representações de baleias, orcas e outras criaturas marinhas, muitas delas fantásticas, de modo a ilustrar o trabalho.

## 1.2. PROBLEMAS, OBJETIVOS E JUSTIFICATIVA

Em vista desses documentos, as perguntas que conduziram esta pesquisa foram as seguintes: quais eram as percepções sobre as baleias? Eram elas vistas como monstros mitológicos, peixes gigantes ou algo mais? Eram temidas ou admiradas? Já havia o conhecimento sobre suas utilidades potenciais, tais quais o óleo de baleia, os ossos para confecções diversas, o âmbar-gris, e a própria carne para consumo? Já havia uma indústria dedicada à perseguição e caça a esses cetáceos, ou sua exploração ficava restrita aos indivíduos que encalhavam nas praias?

O objetivo geral da pesquisa, assim, foi analisar as percepções e usos que os povos do medievo norte-europeu tinham e faziam dos grandes cetáceos. Como objetivos específicos, iremos: 1) discutir o imaginário medieval sobre esses animais; 2) avaliar a evolução da percepção acerca das baleias, desde monstros mitológicos e/ou diabólicos até serem vistas como recursos valiosos; 3) descrever os diversos métodos usados para a captura e utilização dos cetáceos; 4) após obtido o animal, descrever os produtos provenientes e seus usos.

A relevância da presente pesquisa se dá em função da importância da megafauna marinha, notadamente os grandes cetáceos, para o equilíbrio climático e da biosfera. Nesse sentido, a preservação das baleias se faz essencial para o combate às mudanças climáticas, devido à alta capacidade de absorção de carbono desses animais, além do papel imprescindível para a fertilização dos oceanos e a manutenção da vida marinha. Assim, visamos entender as relações das sociedades com esses animais para melhor compreender como e porque levamos algumas espécies de cetáceos à beira da extinção, e para tal analisamos as percepções das sociedades medievais acerca desses animais, desde o temor provocado por eles, até a necessidade e ganância por recursos valiosos que as baleias passaram a representar.

### 1.3. HISTORIOGRAFIA E MARCO TEÓRICO

Primeiramente, devemos aqui esclarecer um conceito essencial para o presente trabalho, o de baleias. Utilizaremos aqui a definição usada por Vicki Szabo (2005), que usa o termo para definir todos os grandes cetáceos, incluindo aí, por exemplo, a orca (*Orcinus orca*), maior membro da família dos golfinhos, que embora não seja exatamente uma baleia, é até os dias de hoje vista como tal, como se pode perceber pela alcunha de “baleia assassina”. O conceito nos será útil pois, para as percepções medievais, golfinhos, toninhas e outros cetáceos de menor porte, ainda que alguns sejam baleias, são mais facilmente percebidos como “peixes” comuns, enquanto as baleias têm um caráter monstruoso.

Um segundo conceito fundamental é o de imaginário. Parte do nosso objetivo no presente trabalho é entender as percepções da coletividade, isto é, o imaginário existente acerca dos grandes cetáceos. Assim, tomamos as ideias de autores como Sandra Pesavento (1995), a qual afirma ser o imaginário um sistema de ideias e imagens de representação coletiva, e Márcia Espig (2004), que alerta para o caráter polissêmico do conceito, bem como critica a falsa dicotomia entre o uso do conceito por alguns antropólogos, os quais se detêm sobre as formas cristalizadas do imaginário em uma abordagem estrutural, o pelos historiadores, que se preocupam com as transformações, ou a “historicidade” do conceito. Nesse sentido, Espig tenta dirimir essa dicotomia caracterizando o imaginário como uma estrutura dinâmica. Além disso, fizemos uso também dos ensinamentos de François Laplantine e Liana Trindade (2017), os quais demonstram as relações entre o imaginário e o real, no sentido de que aquele constrói ou transforma este sem negá-lo, criando, assim, novas relações. Ainda quanto ao imaginário, outros textos que auxiliaram no uso do conceito foram os de Gilbert Durand (2012), que propõe alguns elementos antropológicos; e o de Bronislaw Baczko, que trata da imaginação social e do conceito de “tempo quente” (1985, p. 320), em que, face uma crise ou momento de mudança, a imaginação sofre um ímpeto particular, e ocorre uma produção acelerada de significações acerca dos acontecimentos, assim impulsionando a criação e modificação do imaginário.

Um último conceito, intimamente relacionado ao de imaginário, é o da representação, já que analisamos as diversas representações das baleias presentes nas mais variadas fontes aqui coadunadas. Utilizamos o conceito de Francisco Falcon

(2000), o qual ressalta seu caráter polissêmico, destacando dois sentidos para o termo. O primeiro é o de reapresentar ou fazer presente alguma coisa ausente ou não diretamente dado aos sentidos. O segundo está relacionado com a teoria do simbólico, em que o “objeto ausente é reapresentado à consciência por intermédio de uma imagem ou símbolo, isto é, algo pertencente à categoria de signo”. O autor também ensina a relação do imaginário social com a representação, através de Castoriadis e Durand, a qual nos foi útil para observarmos os reflexos da representação das baleias na formação do imaginário referente a elas. Outros trabalhos que serviram de suporte teórico quanto à questão da representação são as obras de Ginzburg (2001) e Chartier (1991, 2011), além de outros presentes na coletânea de Ciro Cardoso e Jurandir Malerba (2000).

Em se tratando de uma pesquisa de História Ambiental, o arcabouço teórico aqui utilizado conta com alguns dos textos basilares para este tipo de abordagem, isto é, os influentes textos de Donald Worster (1991, 2003) e Passmore (1975) acerca da história ambiental, os quais falam da mudança de paradigma acarretada por esta abordagem ao focar as relações e atitudes dos humanos para com a natureza, num momento em que isto se torna premente para a própria sobrevivência não só da espécie humana, mas de toda a biosfera. Utilizamos também os conceitos de Horizontalidade, Negociação e Emergência, apresentados por Diogo Cabral (2021, p. 240-244), os quais auxiliaram na compreensão da relação entre humanos e o meio ambiente do qual faz parte, incluindo as baleias e os impactos em sua ecologia e na cultura das sociedades. Cabe então aqui uma breve explicação acerca desses conceitos. Em primeiro lugar, Horizontalidade diz respeito à inexistência de uma “base” comum para a existência humana. Nesse sentido, as culturas e sociedades se desenvolvem em meio à natureza, influenciando e sendo influenciadas por ela, de maneira horizontal. O segundo termo, a Negociação, explica que os seres humanos precisaram (e precisam!) negociar com o ambiente a seu redor, de modo a coexistir com os seres animados e inanimados que os rodeiam, afinal, os humanos não conseguem ter tudo o que desejam sempre que desejam, é preciso ceder (Cabral, 2021, p. 244-248). Por fim, por Emergência entende-se que, em meio às negociações, tanto o ser humano (e as sociedades) quanto os seres não-humanos emergem e se definem a partir desse relacionamento, pois nenhum ser existe fora das relações com outros seres (Cabral, 2021, p. 248-252).

Dentro deste panorama, fizemos uma investigação pertinente à história dos animais, com textos como a coletânea *Animals: A History, da Universidade de Oxford* (Adamson; Edwards, 2018), o qual traz trabalhos que analisam as relações e visões da humanidade sobre os animais começando por Platão e Aristóteles. Também fizemos uso da obra de Margo DeMello (2012), *Animals and Society*, os quais trazem informações e concepções acerca das relações entre animais e a sociedade, desde a classificação e hierarquização dos seres vivos, a caça, a domesticação, o estudo dos animais, e os simbolismos presentes. Ademais, por estarmos trabalhando com o período medieval, damos especial importância para artigos que abordam a percepção aristotélica dos animais, de grande influência no mundo cristão do medievo e com consequências até hoje (Biazotto, 2022). Para entendermos o imaginário medieval acerca dos animais, foi de essencial importância a obra de Joyce E. Salisbury, *The Beast Within: Animals in the Middle Ages* (2022), o qual dissecar a temática, desde o aspecto simbólico aos usos mais mundanos, e já na introdução questiona “o que é um animal?”, e o pensamento medieval do conceito.

Quanto à questão da baleia, em específico, abordando as percepções e usos no período em tela, usamos como base de apoio a obra de Vicki Szabo (2008), *Monstrous Fishes and the Mead-Dark Sea*, a qual aborda a caça às baleias no atlântico norte medieval, incluindo aí a ecologia da região e os achados arqueológicos. Neste livro, Szabo escreve sobre os usos e o imaginário dos grandes cetáceos no período, utilizando-se de uma ampla gama de fontes e evidências arqueológicas para demonstrar que tanto o mundano quanto o extraordinário conviviam na percepção do período sobre as baleias. Da mesma autora (2005), seu artigo intitulado “*Bad to the Bone*”? *The Unnatural History of Monstrous Medieval Whales*, no qual ela aborda especificamente o caráter monstruoso das baleias nas percepções culturais do medievo, também foi utilizado neste trabalho. Também serviu de aporte teórico fundamental o livro de Van den Hurk, *On the Hunt for the Medieval Whales* (2020), o qual traz um panorama abrangente sobre o aproveitamento de baleias pelos povos da costa europeia, da Escandinávia a Portugal. Como utilizamos diversas fontes de origem nórdica, o texto de Andressa Furlan Ferreira, “A Baleia na Literatura Nórdica Medieval”, presente na coletânea *Deuses, Animais e Xamãs* (Langer, 2018), também foi essencial para melhor compreender a relação que os islandeses e noruegueses tinham com os grandes cetáceos, destacando aí o conteúdo simbólico e religioso.

Ainda quanto à questão da monstruosidade, o livro de Claude Kappler (1993), *Monstros, Demônios e Encantamentos no Fim da Idade Média*, foi abordado tanto para a conceituação do termo, quanto para entendermos o imaginário medieval acerca do assunto. Paralelamente, no que tange à nossa análise dos bestiários medievais, nos serviu como base a obra *Bestiário Medieval: Perspectivas de Abordagens*, organizado por Adelaide Miranda e Pedro Chambel (2014), em que se apresenta algumas problemáticas, questões e orientações quanto ao estudo dos bestiários, sua simbologia, as representações neles presentes, bem como sobre a cosmovisão moralista contida em seus verbetes.

#### 1.4. METODOLOGIA

Para compreendermos os usos e percepções que os povos medievais do norte europeu tinham dos grandes cetáceos, procedemos uma pesquisa documental de base qualitativa fazendo uso da análise semântica (Roth, 1998) de fontes textuais e imagéticas referentes às baleias. Nesse sentido, também fizemos uma análise comparativa entre as diversas representações desses animais presentes nas fontes, utilizando-se do arcabouço teórico presente nas obras de Marcel Detienne (2004) e de José D'Assunção Barros (2014), além de artigos como os de Carlos Campos (2011) e de Raquel de Assis (2018). Também utilizamos conceitos próprios da História Ambiental, como os trazidos por Diogo Cabral (2021), já mencionados acima, e por Regina Duarte (2005), a qual trata das atitudes, representações e imagens da natureza, além do texto de Donald Worster (1991), que propõe uma nova perspectiva para ajudar no entendimento das dinâmicas e relações entre as sociedades, o ambiente e os seres não-humanos.

Assim, no primeiro capítulo analisamos o imaginário medieval acerca das baleias, com foco no Atlântico Norte e iniciando com dois textos que, embora mais antigos e referentes a outras localidades, influenciaram bastante as percepções da época acerca dos grandes cetáceos, isto é, o relato bíblico de Jonas, e a história de Porfírio narrada por Procópio de Cesareia. Este capítulo conta ainda com uma breve introdução sobre as percepções acerca dos animais em geral antes de adentrarmos na problemática específica das baleias. Em seguida, analisamos o *Speculum Regale* e o *Uma Descrição dos Povos do Norte*, de Olaus Magnus, contando com auxílio dos bestiários. No capítulo seguinte abordamos formas de obtenção de baleias,

ênfatizando as técnicas e as problemáticas envolvidas, os diversos usos possíveis dos muitos produtos que eram obtidos, e finalizamos com uma possibilidade de abordagem didática sobre o tema em sala de aula.

## 2. AS BALEIAS NO IMAGINÁRIO MEDIEVAL

Como já explicamos o conceito de imaginário utilizado neste trabalho, partiremos agora para uma análise de como as baleias são vislumbradas e entendidas no imaginário medieval europeu. Mas, para isso, se faz necessário primeiro ter uma ideia das percepções dos animais em geral neste contexto.

Assim, é importante ter em mente que, embora se sobressaia as concepções Aristotélicas e Agostinianas da separação entre humanos e animais, tais ideia não eram um consenso, e, em realidade, a partir do século XII começa a haver uma maior contestação ao paradigma da separação entre nós e os demais animais, e destaca-se algumas das semelhanças. Durante a maior parte dos mil anos que constituem o medieval, contudo, ainda prevaleceu essa divisão, cristalizada na própria linguagem e nos termos usados para se referir aos animais não-humanos, sendo basicamente referidos por “feras” (*beasts*) (Salisbury, 2022, p. 01-02).

Predominava, nesse sentido, também a concepção antropocêntrica não só dos animais, mas de toda a natureza, no sentido de que esta estaria à serviço dos homens, ideia essa que se costuma remontar a Aristóteles, pois que antes dele a tradição helênica creditava os animais humanos e não-humanos como análogos, enquanto o estagirita coloca o cidadão grego adulto numa posição privilegiada em relação às mulheres, escravos, bárbaros, e, é claro, também em relação aos animais (Biazotto, 2022, p. 121). Em que pese as contradições presentes no pensamento aristotélico, suas ideias foram bastante influentes no período medieval, e, com as devidas modificações e “atualizações”, permeia até os dias atuais (Adamson, 2018, p. 01-03). Como veremos adiante, essas concepções nortearam as atitudes das pessoas também perante as baleias.

Em se tratando das percepções acerca dos grandes cetáceos em específico, iniciaremos com dois textos bastante importantes para a formação desse imaginário. O primeiro é o relato bíblico de Jonas e o “peixe grande”, o qual rapidamente se espalhou pela Europa cristã causando bastante impacto, em especial para populações que dependiam ou tinham maior relação com o mar (Szabo, 2008, p. 43). Embora seja uma narrativa da Antiguidade, julgamos necessário incluí-la neste trabalho, dado seu papel basilar na percepção que os habitantes da Europa medieval tinham das baleias. De maneira semelhante, trazemos também o relato de Procópio de Cesareia sobre a baleia Porfírio. Trata-se de um texto da Alta Idade Média, e narra

acontecimentos envolvendo Bizâncio e o Mediterrâneo, mas também se espalhou por toda a Europa letrada, a ponto de quase mil anos depois ser referenciada por Olaus Magnus, o último arcebispo católico de Upsala, cuja obra também traremos mais adiante.

## 2.1. JONAS E PORFÍRIO

O primeiro texto que precisa ser mencionado é a história de Jonas, presente no capítulo 2 do livro homônimo, que compõe o chamado “Antigo Testamento” da Bíblia<sup>5</sup>. O conto do profeta Jonas foi bastante influente no Medievo; seu livro, embora presente na coleção de “Livros Proféticos”, difere muito destes e é, na verdade, uma parábola para demonstrar a misericórdia de Javé, o Deus dos Hebreus. No conto, Jonas recebe a missão de ir até Nínive, uma metrópole do paganismo e inimiga de Israel, para ameaçar e converter seus habitantes. No entanto, Jonas recusa a incumbência e tenta fugir para Tárzis de barco, buscando evadir-se de Javé. Uma tempestade violenta se abate sobre a embarcação e os tripulantes acabam descobrindo que a culpa por ela era de Jonas. Decidem então atirar o homem ao mar para aplacar a fúria de Javé. O Deus dos Hebreus, então, manda um “peixe grande” (*piscis grandis*) engolir Jonas, o qual permanece na barriga do animal por três dias e três noites, quando então se arrepende e clama por Javé. Este manda o peixe cuspir Jonas em terra firme, e novamente ordena que o homem vá até Nínive. Desta vez, Jonas cumpre a ordem divina e chega à cidade, anunciando que ela será destruída em quarenta dias. No entanto, os habitantes da cidade, inclusive o rei, passam a acreditar em Deus, e marcam um dia de penitência, em que todas as pessoas e até mesmo os animais da cidade deveriam abandonar seus atos violentos, jejuar, vestir panos de saco, e clamar por Deus. Javé, assim, se compadece e poupa a cidade, para desgosto de Jonas, o qual não concorda com a clemência divina. Javé então lhe ensina uma lição fazendo nascer uma mamoneira num dia, a qual muito agrada Jonas, para então matá-la no dia seguinte. Jonas teve pena da árvore, mas não teve pena de uma cidade, e com isso Deus ensina-lhe sua misericórdia.

---

<sup>5</sup> Como dissemos na introdução, consultamos a versão pastoral da Bíblia, presente no site da Editora Paulus: <https://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/PTW.HTM>. Acesso em: 9 mar. 2024.

Embora em momento algum se mencione que o tal “peixe grande” seja uma baleia, essa interpretação ainda é a mais comum, principalmente porque era assim que as baleias eram compreendidas nos tempos antigos. Essa percepção, ademais, tem implicações profundas para os costumes cristãos, como por exemplo, a permissão de comer carne de baleia nos períodos de jejum (Van Den Hurk, 2020, p. 59). Assim, o animal teria sido enviado por Deus para engolir Jonas e fazer com que ele se arrependesse de negar sua missão. Ou seja, já há aí uma ligação das baleias com o divino e o sobrenatural. Ademais, o próprio tamanho avantajado da baleia já é suficiente para ser encarada como um monstro, sendo esta uma das características arroladas por Claude Kappler (1993, p. 178) em sua tipologia dos monstros. É importante frisar que, ainda de acordo com Kappler, os monstros, no contexto medieval, não eram contraditórios com o divino, muito pelo contrário, pois que “para o homem medieval, o monstro é uma “anomalia normal”, uma transfiguração necessária e inevitável, prova misteriosa, mas não dramática, da imaginação e criação divina” (Kappler, 1993, p. 160). Desse modo, o conto de Jonas teve bastante impacto, como se pode perceber pela abundância de iconografia relacionada, e entrou no imaginário medieval representando a baleia como um monstro e um teste de fé para quem as encontrasse (Szabo, 2008, p. 43-44), visão essa que será reiterada e exacerbada pelos bestiários, como veremos mais adiante. Nesse sentido, a boca da baleia pode ser entendida também como a porta para o Inferno, e a baleia como o próprio Inferno ou o Diabo (Van Den Hurk, 2020, p. 42-43)

Uma outra fonte que nos ajudou em nossa tarefa, também bastante influente, foi o texto de Procópio de Cesareia. No livro VII da *História das Guerras*, o autor bizantino menciona a baleia Porfírio (Procópio, 2007, p. 130)<sup>6</sup>, a qual, em meados do século VI, aterrorizou os arredores de Bizâncio durante aproximadamente cinquenta anos, embora não de forma contínua, afundando navios, alterando rotas de comércio, e impondo o horror a muitos navegadores, ao ponto de o próprio Imperador Justiniano mandar matá-la, mas sem sucesso. Procópio aqui não chega a usar o termo “monstro” para se referir ao animal, ao menos nas edições por nós estudadas. Na tradução de Procópio que consultamos, para o espanhol, feita por Francisco Romero, usa-se os

---

<sup>6</sup> Não se sabe ao certo a qual espécie de cetáceo Porfírio corresponderia, mas, pelo comportamento descrito, acredita-se ter sido uma Orca solitária particularmente grande ou um cachalote com costumes incomuns, sendo esta a tese mais aceita.

termos “cetáceo” ou “animal” para referir-se à baleia (Procópio, 2007, p. 130-131)<sup>7</sup>. Já em uma outra tradução, desta vez para o inglês, feita por Anthony Kaldellis, Porfírio é referida apenas pelos termos “baleia” (*whale*) e “fera” (*beast*) (Prokopios, 2010, p. 171-172).

De todo modo, uma análise mais acurada do texto, considerando a sua localização na obra, revela o verdadeiro intento de Procópio ao fazer tal relato. Acontece que a menção à Porfírio ocorre em conjunto com outras calamidades naturais, as quais o autor infere razões sobrenaturais, devido a um suposto desfavorecimento de Deus e/ou uma aproximação com o Diabo pelo Imperador Justiniano, notório desafeto de Procópio. Ele inclusive chega a desmerecer a ideia de que a morte de Porfírio seja um bom sinal, levantando a possibilidade de que o indivíduo que tenha morrido encalhado não seja o mesmo que aterrorizou os mares de Bizâncio. Assim, percebemos que o cetáceo é de fato percebido como uma criatura monstruosa e aterrorizante, de origem sobrenatural e cujo principal propósito seria aterrorizar o mundo dos homens, e Procópio utiliza essa percepção para seus próprios intentos.

O mesmo texto, contudo, revela uma outra percepção coexistente acerca das baleias. Ao narrar a morte de Porfírio, o bizantino conta que, após encalhar num banco de areia numa tentativa fracassada de caçar ou afugentar golfinhos, o animal foi prontamente atacado por uma multidão, a qual a golpeou diversas vezes antes de arrastá-la ainda viva para fora do mar com o auxílio de cordas. Em seguida, as pessoas se dividiram em grupos e a despedaçaram, sendo que alguns escolheram consumir a carne ali mesmo, enquanto outros optaram por curá-la antes. Aqui vemos um lado mais mundano das baleias: elas eram apenas mais um tipo de animal comestível, portanto, um recurso a ser explorado, embora neste caso o único recurso mencionado seja a carne, e não há qualquer menção ao uso do óleo, por exemplo, o qual não era desconhecido pelos bizantinos. Importante notarmos, contudo, que eles não conseguiram abater o animal no decurso dos cinquenta anos em que ela rondou Bizâncio, ou seja, ao que parece eles não tinham as técnicas e o conhecimento necessário para tal empreendimento, diferente do que ocorre com a nossa próxima fonte.

---

<sup>7</sup> Vale notar que o termo “cetáceo” vem do grego *cetus*, que significa “monstro marinho” ou “peixe grande” (Szabo, 2008, p. 34), e é provável que tenha sido esse o termo empregado no texto original, ou seja, já há aí uma possível conotação “monstruosa”.

## 2.2. O *SPECULUM REGALE* (SÉCULO XIII)

No *Espelho do Rei*, as baleias são encaradas de uma maneira muito mais prática e mesmo mundana, seguindo o caráter didático da obra. Esta característica se dá muito possivelmente por causa da maior proximidade dos povos nórdicos com os cetáceos, a qual era inclusive reconhecida por outros povos europeus, embora atribuíssem o fato à maior presença do demônio (Szabo, 2008, p. 177), e posteriormente ao protestantismo (Magnus, 1998). Seu propósito utilitário e didático pode ser inferido pelo termo *speculum* (espelho), que caracterizava obras de caráter enciclopédico, como o *Speculum Majus* de Vicente de Beauvais (c. 1190-1264). O *Speculum Regale*, assim, foi escrito na Noruega por um autor desconhecido<sup>8</sup> entre os anos de 1216 e 1260, e seria dividida em quatro partes. A primeira é voltada para os mercadores e seus métodos, mas é também onde há diversas explicações sobre o mundo físico, incluindo as marés, as estações, fenômenos meteorológicos etc. A segunda diz respeito aos costumes dos reis e suas cortes. A terceira e quarta falariam dos clérigos e dos camponeses, respectivamente, mas estes textos jamais foram encontrados (Larson, 1917), assim só podemos ter uma ideia do que seria dito pela introdução, na qual percebe-se ter sido o autor um ferrenho crítico do clero, mesmo sendo ele um membro deste estamento.

O livro segue o formato de um diálogo entre um pai e seu filho, o qual direciona perguntas àquele. O pai, por sua vez, demonstrando ser um sujeito de muita erudição e sabedoria, busca educar seu filho para que ele entenda o máximo possível o funcionamento do mundo e da sociedade. Há bastante discussão sobre as fontes utilizadas pelo autor para suas afirmações, mas é bastante provável que ele tenha lido, além das Escrituras, autores como Plínio, O Velho (23-79), Isidoro de Sevilha (c. 560-636), Beda, O Venerável (c. 673-735), Tomás de Aquino (1225-1274), entre outros em circulação na Europa do século XIII, além de utilizar também relatos orais e sua própria experiência. O livro teria sido escrito com a intenção de educar os jovens aspirantes a altos cargos, incluindo futuros reis, e de fato teve considerável circulação

---

<sup>8</sup> Há toda uma discussão envolvendo a autoria do texto que pode ser encontrada nas notas introdutórias da tradução a qual tivemos acesso. Embora incerta, é provável que tenha sido obra de um clérigo que atuou em algum momento na corte do Rei Sverre da Noruega (1184-1202) (Larson, 1917, p. 38).

entre a elite não só norueguesa, mas de todo o norte da Europa, tendo sido encontradas cópias na Noruega, Islândia e trechos na Suécia (Larson, 1917, p. 65). É, portanto, uma obra importante para o estudo do pensamento do período, pois demonstra concepções, ideias e valores que já influenciavam profundamente o pensamento político europeu da época, como a teoria do poder divino dos reis, por exemplo. Aqui, contudo, focaremos nosso estudo no capítulo XII da obra, o qual trata “Das maravilhas dos mares islandeses: baleias e kraken”.

Após aprender sobre as tarefas e a ética dos mercadores, sobre o clima e as estações, entre outros fenômenos<sup>9</sup>, o filho questiona ao pai que tipos de maravilhas podem ser encontradas nos mares da Noruega, Irlanda, Islândia e Groenlândia, dentre elas as diversas criaturas marinhas que lá viviam. Esses trechos parecem em parte ter sido escritos também com intuito de entretenimento, talvez por temer entediar o leitor com a mera repetição de fatos. Dentre as muitas maravilhas encontram-se seres reais, como morsas e baleias, mas também criaturas míticas, como sereias e krakens. No entanto, quando menciona essas criaturas, o pai costuma enfatizar sua incerteza, afirmando que apenas ouviu histórias e relatos não muito confiáveis, demonstrando todo o ceticismo da obra. Ao falar do kraken, por exemplo, contido na mesma sessão que trata das baleias, o pai diz ter poucas informações a respeito, mas enfatiza o seu tamanho, daí falar dele em conjunto com os cetáceos. O pai então fala das baleias, e menciona cerca de 21 espécies delas, o que se aproxima do número de espécies que de fato habitavam o Atlântico Norte, levando em consideração a possível confusão de tubarões de grande porte (como o tubarão-peregrino) com baleias e o engano de se imputar como espécies diferentes indivíduos da mesma espécie de tamanhos e/ou idades diferentes (Larson, 1917, p. 21).

Dito isto, podemos observar pelo texto que o intuito do autor, ao abordar as baleias, era demonstrar quais espécies seriam úteis ao ser humano. Assim, ele explica quais seriam propícias para consumo, quais eram alvos fáceis ou agressivas demais, entre outras características e utilidades. Nesse sentido, afirma ele que as rorquais, como são conhecidas as espécies da família *balaenopteridae*, a qual inclui a baleia-comum (*Balaenoptera physalus*) e a azul (*Balaenoptera musculus*), seriam

---

<sup>9</sup> Embora não diga respeito diretamente a este trabalho, os trechos em que o pai ensina sobre o mundo físico é bastante esclarecedor quanto à independência de pensamento do autor, pois que revela opiniões bastante avançadas e até mesmo polêmicas para a época, como por exemplo ele afirma o caráter redondo da Terra, aponta as mudanças na distância e posição do planeta em relação ao Sol como catalisadoras das estações, bem como o papel da lua na regulação das marés.

as ideais para a caça e consumo, por serem, em sua maioria, grandes e pouco agressivas. Há duas descrições, contudo, que nos chamaram atenção.

A primeira é a das orcas (*Orcinus orca*), em que o autor descreve com bastante precisão o comportamento de um grupo específico desses animais, as orcas transientes (ou temporárias)<sup>10</sup>, chamadas no texto de *grampus* (Szabo, 2008, p. 185). O nível de detalhes é bastante impressionante, com o autor descrevendo sua ferocidade e as táticas que estes animais usam para abater baleias de grande porte, as quais incluem perseguição até o esgotamento, poderosos ataques diretos com nariz e cauda, e uso de seu peso para afogar as presas. Essa descrição e caracterização, aliás, aparece não só no *Speculum*, mas também em textos de Plínio, o Velho, o qual chama a criatura de “inimiga das outras espécies” (*apud* Szabo, 2008, p. 38) e na obra de Olaus Magnus, *A Description of the Northern Peoples*, embora esta basicamente repita a descrição dada por Plínio (Van Den Hurk, 2020, p. 155). Inclusive esta cena específica de uma orca atacando uma baleia também está presente na *Carta Marina* de Olaus Magnus, com a denominação *Orcha*, como se percebe pela Figura 01, na qual podemos ver uma baleia, perceptível pelo termo “*balena*” escrito em seu corpo, sendo perseguida e possivelmente agredida por uma orca. Logo abaixo da “*balena*” ainda podemos distinguir um animal menor, provavelmente o filhote da baleia, o qual pode ser o verdadeiro alvo do predador por ser uma presa mais fácil. A agressividade das orcas transientes pode, assim, ter contribuído para a pecha de monstros violentos por vezes atribuídas aos grandes cetáceos, não à toa que esses golfinhos engrandecidos são até hoje chamados de baleias assassinas.

---

<sup>10</sup> De maneira rudimentar, as orcas podem ser divididas em dois grupos, as residentes, que se alimentam de peixes, vivem em grupos grandes, possuem uma estrutura social complexa, e as transientes ou temporárias, as quais se alimentam de outros mamíferos, vivem em grupos menores e tendem a ser mais violentas (Baird, 1994).



Figura 1 – Parte da obra Carta Marina, de Olaus Magnus, Seção D: Ilhas Ocidentais<sup>11</sup>.

Por outro lado, uma descrição e atribuição diametralmente oposta a dada ao *grampus* é da chamada *fish-driver* ou “guia de peixe”<sup>12</sup>. Julgamos apropriado incluir o trecho que as menciona:

Há outro tipo de baleia, chamada “guia de peixe”, que talvez seja o mais útil de todos para os homens. essa baleia guia o arenque e todos os outros tipos de peixes em direção à terra a partir do alto mar, **como se fosse comandada e enviada pelo Senhor para esse propósito. Esse é seu dever e ofício, contanto que os pescadores mantenham a paz em suas áreas de pesca.** Sua natureza também é peculiar nesse aspecto, uma vez que aparentemente sabe como poupar navios e homens. Mas quando os pescadores discutem e brigam, a ponto de derramarem sangue, essa baleia parece perceber; pois ela se coloca entre a terra e os peixes, e persegue os cardumes de volta para o oceano, assim como havia feito anteriormente, em direção aos homens. [...]. Elas serviriam como um bom alimento, se sua caça fosse permitida, mas ninguém tem permissão para pegá-las ou feri-las, já que elas prestam um serviço bom e constante para os homens<sup>13</sup>. (Grifos nossos).

<sup>11</sup> Fonte: JAMES FORD BEL LIBRARY. **Olaus Magnu's Scandinavia**. Disponível em: <https://apps.lib.umn.edu/bell/map/OLAUS/MAP/indexm.html>. Acesso em: 9 mar. 2024.

<sup>12</sup> Esta é uma das muitas espécies descritas no *Speculum Regale* que não puderam ser atribuídas às espécies reconhecidas pela ciência moderna, mas é provável que seja a baleia-comum, que de fato preda o arenque encurralando-os na superfície.

<sup>13</sup> “There is another sort of whale called the “fish driver”, which is perhaps the most useful of all to men; for it drives the herring and all other kinds of fish in toward the land from the ocean outside, **as if appointed by the Lord for this purpose. This is its duty and office as long as the fisherman keeps the peace on the fishing grounds.** Its nature is also peculiar in this, that it seemingly knows how to spare both ships and men. But when the fishermen fall to quarreling and fighting, so that

No texto, o pai explica que esta espécie de baleia seria talvez a mais útil de todas, pois servia de guia para o arenque e outros peixes, levando-os para a costa e para as redes dos pescadores. Deixa claro, nesse sentido, que essa era a função desta baleia, como um presente de Deus para a humanidade. No entanto, diz-se que o cetáceo só cumpriria sua função se a ordem fosse mantida, e caso houvesse qualquer derramamento de sangue ou briga e confusão de qualquer espécie, a baleia iria embora e com ela os peixes. Assim, a “guia de peixe” era não só uma dádiva divina, como ainda servia de lição para a manutenção da ordem e da paz, ao menos durante a pesca, e, portanto, era tabu caçar estes animais em face dos serviços por eles prestados. Frise-se que o *Speculum Regale* é uma obra de caráter didático, portanto faz sentido que a história da “fish driver” reflita uma concepção religiosa e moral da natureza a ser transmitida por uma figura de saber e autoridade, isto é, o pai (Ferreira, 2018, p. 22-23).

Mais interessante é observar que ao menos parte dessa história não é um mito ou uma fábula, pois o relato vai ao encontro de uma das estratégias das baleias-comuns (também conhecidas como baleia-fin) ao preda o arenque, a qual consiste em encurralar o cardume na superfície em águas costeiras (Nøttestad et al, 2002), o que facilitaria a pesca também para os pescadores. Além disso, de fato as baleias em geral têm papel importante na manutenção da dinâmica dos cardumes de arenque e outros peixes, tanto é que a Noruega proibiu a caça de baleias em sua costa em 1904 (embora ainda cace em águas internacionais) devido à forte pressão da indústria pesqueira, que sentiu o desequilíbrio ambiental causado pela diminuição do número de baleias na região (Szabo, 2008, p. 281). A relação dos noruegueses com as “fish drivers”, ademais, constitui um bom exemplo do conceito de Negociação mencionado anteriormente (Cabral, 2021, p. 244-248), visto que as pessoas precisaram “negociar” com os seres animados em questão para sobreviverem. Neste caso, abstém-se não só de abater a baleia, mas também de atos violentos e desordeiros, para que assim consigam pescar o arenque e outros peixes, fonte importante de subsistência. É também uma demonstração do que Worster (2003) alerta acerca da capacidade

---

*blood is spilt, this whale seems able to perceive it; for it moves in between the land and the fish and chases the shoals back into the ocean, just as it earlier had driven them in toward the men. (...) They would provide good food, if men were allowed to hunt then, but no one is permitted to catch or harm them, since they are of such great and constant service to men” (The King’s Mirror, 1917, p. 120-121, grifos nossos)*”.

transformativa da ação antrópica, numa perspectiva agroecológica da História, mas desta vez tendo o oceano como pano de fundo.

De todo modo, não só as “*fish driver*”, como todas as baleias, seguem sendo protegidas somente em função da sua utilidade para as pessoas, como se percebe pela nossa própria argumentação no Item 1 deste trabalho, que aponta a importância das baleias para mitigar os efeitos das mudanças climáticas. Embora utilizemos do artifício retórico, isto ainda é problemático, pois urge uma nova maneira de encarar e lidar com a natureza (Passmore, 1995) que compreenda que todas as espécies são importantes e merecem viver neste planeta tanto quanto a humanidade, independentemente de serem “úteis” ou não.

### 2.3. OLAUS MAGNUS E OS BESTIÁRIOS (SÉCULO XVI)

A próxima fonte que analisaremos mais profundamente é a obra de Olaus Magnus, *A Description of the Northern Peoples*, de 1555, já mencionada. O texto do último arcebispo católico de Uppsala se destaca pelo seu caráter mais leve e sua mistura mais livre de fatos e mitos. Trata-se de uma obra gigantesca, contendo vinte e dois volumes sobre a vida, cultura, costumes, características geográficas e muito mais sobre as terras do norte e suas gentes, e, embora tenha sido escrita no século XVI, traz informações de histórias e costumes antigos, que ainda remetem ao período medieval. Quanto aos animais, chamou-nos a atenção sua divisão entre bestas, as quais seriam os animais terrestres, aves, aéreas, e peixes, animais aquáticos. No livro vinte, que trata dos peixes, chega inclusive a discutir se focas seriam bestas ou peixes, algo importante para saber se seriam passíveis de virar alimento durante períodos de jejum. O argumento para a permissão é que “se a fêmea, após parir na beira-mar, foge para as matas quando um caçador a ataca, então deve-se abster de comer sua carne durante período proibido; mas se ela foge para a água, pode se comer sua carne sem preocupações” (Magnus, 1998, livro 20, cap. 7)<sup>14</sup>. Ressaltamos que essa dúvida é levantada somente em relação às focas, mas jamais para baleias, seres que vivem toda sua vida no mar, e não representava uma unanimidade. O autor do Espelho do Rei (*The King's Mirror*, 1917, p. 140-141), por exemplo, discorda, pois,

---

<sup>14</sup> Na edição que consultamos, as páginas não são numeradas, então indicamos os números dos capítulos e livros.

embora ainda agrupe as focas e morsas como peixes, adverte que elas não podem ser comidas nos períodos de restrição, diferente das baleias. Ademais, ao fazermos uma análise comparativa entre as duas obras (Barros, 2014), observamos que o *Espelho do Rei*, embora mais antigo, contém descrições e lida com baleias de maneira muito mais natural e racional do que na obra de Olaus. Ou seja, não podemos dizer que houve uma “evolução” progressiva no tempo entre as percepções dos grandes cetáceos como monstro e como mero animal/recurso. Quanto às baleias, Olaus Magnus dedicou a elas boa parte do vigésimo primeiro livro, que trata dos monstros marinhos. De todo modo, como se pode inferir pelo título, sua obra é mais voltada para as pessoas do norte, e não tanto sua ecologia, assim há mais relatos dos usos das baleias do que sobre os animais em si, e por isso voltaremos à ela no item seguinte deste trabalho. Aqui, contudo, cabem algumas considerações.

Em primeiro lugar, o livro 21 se destaca dos demais pois enquanto os outros se atém mais aos fatos, este é uma “celebração dos bizarros, assustadores e eminentemente úteis baleias e monstros marinhos” (Szabo, 2008, p. 198). Neste sentido, há uma predominância de baleias monstruosas, e não há qualquer menção às baleias “boas”, tais como as *fish drivers*, e é possível que, embora sueco, isto ocorra devido ao seu caráter digno de forasteiro em relação às culturas do Ártico, tendo ele vivido muito tempo na Itália. De fato, toda a sua obra parece ser a de um visitante maravilhado com o que encontrava. Assim, Olaus não deve ter tido muito contato com cetáceos, como se pode perceber por algumas descrições absurdas dadas por ele, como baleias repletas de chifres e barbadadas (embora seja uma possível confusão com cracas e barbatanas, respectivamente), ou de tamanhos simplesmente impossíveis, como baleias de quatro milhas de comprimento, entre outras fantasias (Magnus, 1998, livro 21, caps. 03-07). Aliás, quase tudo que é narrado acerca desses “monstros” provém de outras fontes, como Plínio, Strabo, Alfredo, o Grande, Vincent de Beauvais, entre outros. Olaus inclusive menciona Procópio de Cesareia e reconta a história de Porfírio, demonstrando como a narrativa do cesareano reafirmou a concepção monstruosa dos grandes cetáceos. Partindo de uma análise semântica (Roth, 1998), nota-se também que ele usa os termos “baleia” e “monstro” como sinônimos intercambiáveis, e relaciona a grande quantidade dos piores monstros marinhos à presença do protestantismo. Por fim, ao falar das construções feitas com ossos de baleia (mais no item a seguir), relata que aqueles que dormem nessas construções “estão sempre sonhando que estão tolhendo incessantemente nas ondas

do oceano, ou, assediadas por tempestades, estão em perpétuo risco de encalhe” (Magnus, 1998, livro 21, cap. 24), numa demonstração de que o útil convive com o místico.

Olaus também repete verbetes contidos nos bestiários medievais, tendo o antigo *Physiologus* como base. Também conhecido como o Naturalista, é um gênero textual desenvolvido em Alexandria entre os séculos I e III, e consiste, em síntese, em uma série de descrições moralizadas de animais, embora haja discussões sobre se o original grego, hoje perdido, também continha as alegorias morais ou se foram adições cristãs posteriores (Varandas, 2014, p. 41). De todo modo, os Bestiários sofreram diversas alterações e influências, como das Etimologias de Isidoro de Sevilha, e do Hexameron de Santo Ambrósio de Milão, havendo várias versões, sendo as principais e mais conhecidas francesas e inglesas (Varandas, 2014, p. 42-44). Para este trabalho, utilizamos uma coletânea organizada por Ignacio Malaxecheverría (2002), o qual compilou e organizou trechos de vários bestiários, tais como o *Fisiólogo Grego*, o *Bestiário de Oxford*, o *Bestiário de Cambridge*, entre outros. Além destes, tivemos acesso ao *Old English Physiologus (Fisiólogo em Inglês Antigo)*, traduzido por Albert Cook (1821).

A baleia, que por vezes aparece com o termo *aspidochelone*, ou uma espécie de tartaruga, aparece em todos os trechos analisados com histórias bastante semelhantes. A primeira conta se tratar de um peixe tão grande que é capaz de se disfarçar de ilha e assim confundir navegantes desavisados. Alguns dos textos, como o do próprio Olaus, inclusive afirmam que as baleias acumulam areia, vegetação, e até mesmo árvores em suas costas, e ficam mais e mais parecidas com uma ilha com o envelhecer (Magnus, 1998, livro 21, caps. 25-26). Assim, os marinheiros, ao avistar o que julgam ser terra firme, rapidamente ancoram e desembarcam na ilha. Confortáveis, logo acendem uma fogueira, mas então o animal os percebe e mergulha para as profundezas, arrastando barco e marinheiros consigo.

Esse é o caminho / Dos demônios, artimanhas do diabo: esconder o seu poder / E furtivamente persuadir homens desatentos / Incitando-os contra todos os feitos valorosos / E atraindo-os a procurar ajuda e conforto<sup>15</sup>.

<sup>15</sup> “Such is the way / Of demons, devils’ wiles: to hide their power / And stealthily inveigle heedless men / Inciting them against all worthy deeds / And luring them to seek for help and comfort” (Cook, 1821, p. 15).

Destacamos acima um trecho, em verso, do *Fisiólogo em Inglês Antigo*, em que podemos entrever a moral da história e entender o papel da baleia nessa cosmovisão moralista. O animal desse verbete, assim, é claramente ligado ao diabo e suas muitas tentações, e os navegadores desatentos seriam os fracos de espírito, que sucumbiriam àquelas e por isso seriam arrastados para o inferno. Há ainda uma segunda narrativa, a qual explica que a baleia conseguiria atrair suas presas ao exalar um odor agradável de suas bocas abertas, atraindo peixes menores para uma armadilha, e assim reforçando a analogia com as tentações do diabo. Essa descrição, no entanto, pode ter algum embasamento na realidade, pois de fato algumas espécies de baleias permanecem na superfície de boca aberta e esperam peixes menores acumularem em suas bocas (*trap feeding*), embora não haja a secreção de um odor, os peixes se atraem por restos de matéria orgânica presas entre as barbatanas, ou por acharem ser uma caverna ou um recife, julgam-se protegidos e acabam deglutidos (Mccarthy, et al, 2022).

Abaixo uma imagem (Figura 2) que bem ilustra ambas as narrativas, pois era comum que os verbetes viessem acompanhados de ilustrações como estas. Nesta imagem, podemos ver a baleia, representada por um peixe enorme, e uma embarcação atracada em suas costas. Há ainda vegetação crescendo no animal, o qual também abocanha uma enorme quantidade de peixes. Observe-se que é bem provável que o autor da gravura jamais tenha visto uma baleia de perto, e desenhou-a simplesmente como um peixe muito grande, tal como ela era vista, descrita e pensada. Nessa toada, relembre-se que o imaginário se refere justamente a um “conjunto de representações coletivas e ideias imagens formuladas socialmente” (Espig, 2004, p. 52), quer dizer, a imagem socialmente construída em relação às baleias era a de um peixe gigantesco e monstruoso, e como tal é “reapresentada” nas imagens presentes nos bestiários e outras obras, como a *Carta Marina* de Olaus Magnus. Essa representação, lembramos, é tanto um produto do, como também produz o imaginário social, tomando as lições de Falcon (2000) e de Baczko (1985) sobre representação e imaginação social, respectivamente. No que tange à ideia de natureza, ademais, somos nós que construímos o seu sentido, quer dizer, o que pensamos sobre a natureza é algo criado por nós (Duarte, 2013, p. 77).



Figura 2 – Ícone representando uma baleia, presente no manuscrito Harley MS 4751 (Harley Bestiary), fólio 69r, pertencente à British Library<sup>16</sup>.

Em suma, em sintonia com a lição de Laplantine acerca do imaginário (1997, p. 21), “o simbólico comporta um componente racional e representa o real”, o que podemos perceber a partir de todo o exposto é que as concepções monstruosas referente às baleias coexistem com a sua utilidade como recurso, sendo este o componente racional, bem como se baseiam na realidade, embora não de forma precisa. Nesse sentido, o imaginário, enquanto processo criador que afeta a realidade

<sup>16</sup> Fonte: THE MEDIEVAL BESTIARY. Gallery: whale. Disponível em: <https://bestiary.ca/beasts/beastgallery282.htm> Acesso: 06 nov. 2023.

mental, cria e modifica a percepção das pessoas quanto ao que lhes é apresentado. Por isso que, para muitos povos escandinavos, as técnicas e métodos de captura de baleias eram vistas como magia (Szabo, 2008, p. 178). Outro bom exemplo encontra-se no texto de Olaus Magnus, em que um sujeito terceiro afirma “Isto não é um mito, Polydore, mas o mais verdadeiro dos fatos”<sup>17</sup>, após descrever as barbatanas presentes na boca de uma baleia encalhada, ao mesmo tempo em que a descreve o tempo inteiro como um monstro. Quer dizer, no imaginário medieval, monstros e fatos não são algo excludentes e coexistem nessa realidade mental (Szabo, 2005, p. 01-02), e as baleias seriam prova material desse “mais verdadeiro dos fatos”. Neste sentido, imaginemos um sujeito abastado que, por volta do século XIII, come um prato feito de carne de baleia, na sua mente aquilo se trata da carne de um monstro, e talvez isso justifique este “peixe” ter uma carne tão diferente dos demais peixes, mais parecida com a de um animal terrestre, além de custar tão caro.

---

<sup>17</sup> “*This is not a myth, Polydore, but truest fact*” (Magnus, 1998, livro 21, cap 13).

### 3. OBTER E USAR AS BALEIAS

No capítulo anterior pudemos analisar o imaginário medieval acerca dos grandes cetáceos. Vimos, assim, que o caráter monstruoso de um ser diabólico relacionado ao sobrenatural coexistiu com o caráter útil da baleia como um recurso natural valioso. Neste capítulo, discutiremos sobre os métodos e técnicas para se obter uma baleia, seja através do aproveitamento de indivíduos encalhados ou pela caça intencional dos animais. Veremos também como se dava esse aproveitamento, pois que o uso de baleias ia muito além do seu valor nutritivo.

Uma das maiores discussões da historiografia sobre o tema diz respeito às diversas formas de obtenção de cetáceos. Por muito tempo o consenso entre os pesquisadores era de que a única forma de se conseguir um espécime de baleia no período pré-moderno era através do aproveitamento de indivíduos encalhados (Szabo, 2008, p. 93). No entanto, análises de alguns textos medievais, assim como dados arqueológicos e etnográficos, demonstram que já havia algum grau de caça ativa a grandes cetáceos, em especial nos povos nórdicos e bascos, mas também outros como os anglo-saxões e os portugueses, embora esse grau varie bastante e ainda precise ser mais bem estudado (Van Den Hurk, 2020, p. 43-56).

O primeiro texto que trazemos é o chamado *Aelfric's Colloquy*, uma obra de caráter didático escrito pelo abade Aelfric de Eynshan (955-1010) que indica a existência de uma caça ativa de baleias no século IX. Trata-se de uma obra voltada para crianças no intuito de ensinar-lhes latim, e posteriormente inglês antigo, e tem a forma de um diálogo entre mestre e pupilo, semelhante nesse sentido ao *Espelho do Rei* (Van Den Hurk, 2020, p. 56). Em um trecho, o professor chama um pescador para explicar ao aluno o seu ofício. O mestre então pergunta o porquê de ele não pescar no mar, e o pescador responde que pesca apenas raramente e lista as espécies que pega quando o faz. Ausente da lista, o mestre questiona se ele gostaria de pegar uma baleia, e o diálogo segue:

Mestre: Você gostaria de pegar uma baleia? / Pescador: Eu não. / Mestre: Por que? / Pescador: Porque é um negócio arriscado, pegar baleias. É mais seguro pra mim ir ao rio com meu barco do que caçar baleias com muitos barcos. / Mestre: E por que isso? / Pescador: Porque prefiro pescar um peixe que eu possa matar, ao invés de um peixe que possa afundar ou matar não só a mim como a meus companheiros com um só golpe. / Mestre: No entanto, muitos pegam baleias e escapam do perigo, e tiram grande lucro disso. /

Pescador: Você está certo, mas eu não ousou devido à minha natureza tímida<sup>18</sup>.

Embora bastante simples, o trecho destacado é muito elucidativo. Por se tratar de um texto didático, nos parece pouco provável que o mestre (e o autor) esteja mentindo ou inventando quando afirma que muitos capturam baleias e lucram com isso, assim como tampouco o pescador mente ou distorce quando alerta para os perigos de tal empreitada. Temos, portanto, que a caça a baleias existia, era muito perigosa, mas bastante lucrativa, suficiente para que pessoas de natureza menos tímida que o nosso pescador arriscassem suas vidas. De todo modo, é possível ver nessa história também uma lição de moral, pois o pescador demonstra moderação e sabedoria ao renunciar à ganância pelo maior lucro, em consonância com a moral presente nos bestiários em relação às baleias, como vimos no item anterior (Szabo, 2008, p. 58).

Uma outra fonte que indica a caça a baleias e sublinha como eram mais comuns no mundo escandinavo é o texto do Rei Alfred de Wessex (871-879), *Two Northern Voyagers*. Trata-se de uma paráfrase da obra "*Historiae adversum paganos*", de Paulo Orósio, a qual traz uma enciclopédia histórica do mundo desde a criação até o ano de 414. Alfred suplementa a descrição da Europa de Orósio com o relato de dois viajantes ao Mar Branco e ao Báltico (Swanton, 1975, p. 32-33). Para nossos propósitos, nos interessa o primeiro deles, que é o de Otthere (ou Ottar, como o chamaremos daqui em diante) um navegador norueguês e sua expedição ao Mar Branco. Em um dado momento, é dito que Ottar tinha feito esta viagem em especial para caçar morsas, citando a utilidade de seus dentes e suas peles. Ao descrever a morsa, diz-se que seriam "baleias muito menores do que as outras" (Swanton, 1975, p. 34). Ottar, no entanto, afirma que o melhor lugar para caçar baleias era nos mares de sua própria terra, pois lá elas eram enormes e fáceis de capturar. Gaba-se então de ter matado sozinho sessenta indivíduos em dois dias, cada um com cerca de 20m. Considerando se tratar de um forasteiro em uma corte estrangeira, é bem possível que Ottar esteja mentindo ou exagerando, e é também possível que haja uma

---

<sup>18</sup> "(...) *Master: Would you like to catch a whale? / 'Fisherman': Not me. / Master: Why? / 'Fisherman': Because it is a risky business catching a whale. It's safer for me to go on the river with my boat, than to go hunting whales with many boats. / Master: Why so? / 'Fisherman': Because I prefer to catch a fish that I can kill, rather than a fish that can sink or kill not only me but also my companions with a single blow. / Master: Nevertheless, many catch whales and escape danger, and make a great profit by it. / 'Fisherman': You are right, but I dare not because of my timid spirit! (...)*" (SWANTON, 1975, p. 110-111).

confusão linguística no relato, no sentido de uma tradução errada do norueguês para inglês antigo. Ocorre que o norueguês antigo possuía cerca de vinte e seis termos para baleias enquanto os anglo-saxões utilizavam apenas duas (Szabo, 2008, p. 60). Assim, é possível que Ottar tenha se referido a sessenta morsas ou toninhas, e não baleias de grande porte. Ainda assim, o texto parece indicar que os noruegueses de fato praticavam a caça deliberada de baleias, embora, provavelmente, num grau menor do que o relatado por nosso viajante, e destaca a maior interação e familiaridade dos povos do norte com os cetáceos (Van Den Hurk, 2020, p. 45). Essa maior proximidade dos nortenhos com baleias é um bom exemplo do que Diogo Cabral (2021) chama de horizontalidade, que diz respeito à inexistência de uma única forma de se lidar com a natureza. Nesse sentido, as culturas se desenvolvem em meio à natureza e assim influenciam e são influenciadas por ela. No caso dos povos escandinavos, a maior abundância de baleias nos mares do norte acarretou nessa maior familiaridade e gerou textos mais racionais e sóbrios, como o *Speculum Regale*.

### 3.1. FORMAS DE OBTENÇÃO

Embora os dois textos analisados acima sugiram a existência da caça ativa de baleias por volta do século IX, nenhum deles dá mais detalhes quanto aos métodos e técnicas utilizadas nas empreitadas e este é o maior problema para entendermos mais sobre o assunto e esclarecer se houve continuidade entre a caça pré-industrial e a desenvolvida após a invenção do arpão explosivo. Naturalmente, a forma mais fácil e comum de se obter uma baleia é, como dito, através do aproveitamento de indivíduos encalhados. No que tange à caça, outros textos, como o *Espelho do Rei*, tampouco dão maiores explicações, embora dêem a entender alguns métodos. No caso do *Speculum*, diz o pai que as baleias são “constantemente perseguidas e direcionadas à terra às centenas” (*The King’s Mirror*, 1917, p. 119). Aqui ele parece se referir à *drive whaling*, uma técnica que consiste em assustar e perseguir uma baleia de modo que ela se dirija para a terra e nela encalhe. Como pudemos depreender da história de Porfírio, uma baleia encalhada se torna presa fácil. Em verdade, esse método de captura (*drive whaling*), ainda é utilizado de forma comunal nas Ilhas Faroe, embora não com cetáceos de grande porte, e sim com toninhas-comuns (*Phocoena phocoena*), espécie de cetáceo de tamanho similar ao de um homem adulto (Szabo, 2008, p. 110). Ademais, ainda quanto ao *Speculum*, o autor se debruça sobre

diversas espécies, apontando quais eram comestíveis, quais não, quais eram agressivas e perigosas, e quais seriam as mais pacíficas e, portanto, desejáveis. Tudo isto com o propósito, ao que nos parece, de auxiliar a seleção da presa ideal para a caça. Ao final, diz que “enumerou quase todas as variedades caçadas pelos homens” (*The King's Mirror*, 1917, p. 124).

Por outro lado, é importante entendermos que o encalhe natural por si só nem sempre era questão de pura sorte, havendo um conhecimento e uma ordem envolvidos. Nesse sentido, havia locais específicos em que encalhes eram mais comuns, e esse conhecimento era essencial ao se vasculhar as praias em busca da sorte e até mesmo na criação de novos assentamentos (Szabo, 2008, p. 93-95). Além disso, encalhes eram também fontes de conflitos em relação a quem pertenceria o espólio, a ponto de isto ser regulado por leis, como o *Gulathing*, o código legal mais antigo da Noruega, datado de meados do século XI. Entre outras coisas, regulava-se os direitos de propriedade das baleias à deriva, caçadas e encalhadas (Van Den Hurk, 2020, p. 45). No caso destas, as regras foram ficando cada vez mais elaboradas, pois conflitos surgiam em relação a quem achou o animal, com o proprietário da terra em que ele encalhou, e por vezes com quem feriu o animal em caçada.

Este é um ponto interessante pois revela uma outra técnica de caça, o uso de lanças para ferir o animal e esperar que ele sangre até morrer, contando com a sorte de ele vir a ser encontrado depois. Trata-se de uma técnica oportunista, possivelmente feita por pescadores e navegadores comuns que, ao avistar uma baleia nas proximidades, decidiam tentar a sorte. Muitas vezes, o maior problema não era matar a baleia, e sim encontrar o animal abatido, primeiro porque a maioria das baleias afundam quando morrem em alto mar (com exceção da baleia-franca, que flutua depois da morte e por isso recebeu o nome de “franca”), e segundo porque ela pode flutuar em alto mar por quilômetros de distância, fora do alcance dos caçadores. Havia formas de aumentar as chances de sucesso além da seleção da presa, como o aprisionamento em *fjords* e baías, e o uso de redes (Szabo, 2008, p. 254-255). Naturalmente, por vezes uma baleia ferida encalhava em propriedade alheia gerando um possível conflito entre as partes envolvidas. Vicki Szabo (2008, p. 256) demonstra, em sua pesquisa, que havia inclusive o costume de marcar as armas usadas na caça com símbolos e insígnias que identificassem seus proprietários, para que, caso a carcaça seja encontrada com a arma ainda aprisionada ao corpo, possa-se descobrir o responsável pelo abate e assim dar-lhe o que é seu de direito.

É preciso ter em conta que uma baleia de grande porte encalhada na praia representava um verdadeiro tesouro. Em tempos de escassez, poderia significar a sobrevivência de um vilarejo inteiro, e assim costuma aparecer em muitas sagas nórdicas, sendo agraciada como um presente divino, seja de Njord, Thor ou do Deus cristão (Szabo, 2008, p. 212). Nesse sentido, não é de se espantar que tenham surgido conflitos para decidir quem ficaria com as melhores partes, a ponto de muitos deles serem representados nas sagas, nas quais muitas vezes desembocam em violência. Por isso também que a questão da divisão é tão importante nos códigos legais, e, mesmo havendo muitas disposições regulando os direitos, era comum que o lado mais forte ficasse com a maior parte, mesmo ilegalmente (Szabo, 2008, p. 230-238). Ademais, em outras partes da Europa, como na Inglaterra e na França, baleias encalhadas foram declaradas propriedade real, assim a coroa costumava ficar com as partes mais valiosas como a língua, considerada uma iguaria, e doava o restante, normalmente para a abadia ou o nobre local, havendo punições para quem tomasse espécimes encontrados para si (Van Den Hurk, 2020, p. 59-64; Szabo, 2008, p. 268).

Em suma, podemos definir duas técnicas de caça. A primeira é a *drive whaling*, em que se persegue e força uma ou mais baleias ao encalhe. A segunda, mais rudimentar, consiste em atirar lanças e arpões e ferir o animal para que sangre até a morte. Há alguns relatos menos confiáveis, porém possíveis, do uso de som para atrair as baleias, e o de substâncias como alho, sangue, entre outras, para afugentar os animais quando necessário. De fato, a maioria dos cetáceos são seres incrivelmente sonoros (Clark, 1990, p. 572-573), e podem ser atraídos por sons, enquanto o uso de substâncias como o alho, em grande quantidade, poderia causar ardor se atingissem o olho ou o respiradouro dos animais (Szabo, 2008, p. 194).

### 3.2. USOS POSSÍVEIS

Discutidos os diversos métodos de captura e obtenção de baleias, partimos agora para os seus usos, que vão muito além do já mencionado valor nutricional. Uma vez obtida a baleia, procede-se então a destrinchar a carcaça. A tarefa de cortar e separar os pedaços de uma baleia de grande porte inteira duraria cerca de cinco dias (Szabo, 2008, p. 261), e, de acordo com Olaus Magnus (1998, livro 21, cap. 20), poderia render entre 250 e 300 carroças de produtos. Normalmente, o açougue ocorria na própria praia onde o animal foi encontrado ou levado, e apenas partes eram

levadas para as cidades, portos e vilarejos das redondezas. Desse modo, por deixarem poucos vestígios, Szabo (2008, p. 166) chama estes recursos de “arqueologicamente invisíveis”. Olaus dedica um bom espaço do vigésimo primeiro livro para os usos possíveis, e inclui no início de certos capítulos algumas gravuras, tal qual a abaixo, presente no capítulo 11:



Figura 3 – Baleia sendo dissecada, c. 1555<sup>19</sup>.

Na Figura 3 observamos uma representação do processo de corte e dissecação de uma baleia. Além do animal, observa-se uma grande quantidade de pessoas envolvidas, com direito a barcos nos arredores, e diversas caixas, barris e carroças para o transporte dos recursos obtidos. No canto superior esquerdo, há o que pode se inferir ser uma cidade ou vilarejo onde os produtos serão comercializados e consumidos. Como podemos ver pela imagem, o corte da baleia era uma tarefa que envolvia várias pessoas, muitas vezes de forma comunal, e era bastante comum que todo o vilarejo se beneficiasse. Assim, os códigos islandeses e noruegueses antigos previam prêmios para quem encontrasse a baleia, e punições para quem, tendo a encontrado, não a assegurou e perdeu-a antes que mais pessoas pudessem chegar ao local. Ocorre que a carcaça pode voltar à deriva com a maré cheia, e por isso havia certas formas de se prender a baleia à terra para evitar tal destino (na imagem acima, podemos ver uma âncora presa ao animal, e barcos ao seu redor, talvez com esse

<sup>19</sup> Recorte da gravura presente na obra de Olaus (1998, livro 21, cap. 11).

propósito). Se a pessoa que encontrou a baleia não a prendeu à terra<sup>20</sup>, ou o fez de maneira incorreta, ela poderia vir até mesmo a sofrer legalmente, já que um recurso valioso para toda a comunidade foi perdido por sua inépcia (Szabo, 2008, p. 262-265). Enfim, uma vez assegurada a carcaça, as partes que podiam ser aproveitadas eram a carne, a pele, as barbatanas, os ossos, os dentes e marfins, a gordura e o óleo, e por fim, no caso específico do cachalote (*Physeter macrocephalus*), o espermacete e o âmbar-gris. Vejamos cada um deles.

### 3.2.1. Carne e pele

O consumo da carne é o uso mais óbvio e já mencionamos ele em vários momentos no presente trabalho. De todo modo, cabe salientar que a carne de baleia é bastante nutritiva, tendo altos índices de proteína, vitaminas e minerais (Van Den Hurk, 2020, p. 28). Nas fontes por nós analisadas, quase todas mencionam a baleia como fonte de alimento, e foi este o destino da temida Porfírio, sendo o único uso do animal narrado por Procópio. O *Speculum Regale*, por sua vez, seleciona as melhores espécies para serem comidas (com destaque para as rorquais), e ainda indica aquelas que seriam indigestas ou até mesmo venenosas para consumo humano, como as baleias-bicudas (família *Ziphiidae*), os narvais (*Monodon monoceros*), e outras espécies cujas correspondências com a ciência moderna não foram encontradas (*The King's Mirror*, 1917, p. 120-124).

Reiteramos aqui o fator social e religioso em relação à carne de baleia. Como já dito, por serem consideradas como peixes, a carne de cetáceo era permitida em tempos de jejum, como na quaresma. Desse modo, era particularmente apreciada pela nobreza e clero, os quais podiam se deliciar com carne vermelha sem a culpa cristã. Ademais, a carne de baleia era, em sua maioria, restrita aos mais altos estamentos especialmente nos países em que foi decretada como propriedade real, embora houvesse formas de burlar as regras, desde a não notificação de encalhes e aproveitamento no local, até o roubo de baleias inteiras (Van Den Hurk, 2020, p. 59-64; Szabo, 2008, p. 268). De todo modo, uma vez separadas as partes comestíveis, a carne podia ser preservada com sal, podendo assim ser transportada para

---

<sup>20</sup> Nem mesmo a falta de cordas servia como desculpa, pois se previa que os tendões da própria baleia poderiam ser utilizados para a amarração.

mercados e cidades distantes, e se diz que uma baleia de grande porte poderia fornecer carne suficiente para alimentar uma comunidade inteira por meses (Van Den Hurk, 2020, p. 29).

Um outro ponto a ser mencionado é que, a partir do século IX acontece o que a historiografia tem chamado de “*fish event horizon*” (Barret et al, 2004), em que, com o crescimento e consolidação do cristianismo e as restrições de dieta características, em conjunto com o crescimento populacional e o declínio dos estoques de peixes de água doce, há um aumento exponencial na pesca e consumo de peixes marinhos por toda a Europa, com destaque para o arenque e o bacalhau, mas no qual se inclui também outros “peixes” como a baleia (Van Den Hurk, 2020, p. 64).

Quanto à pele, Olaus (1998, livro 21, cap. 20) afirma que eram utilizadas para a confecção de cintos, bolsas, cordas para içar sinos de igrejas, ressaltando que a das belugas eram as mais procuradas. Sobre este último, Van den Hurk (2020, p. 28) ressalta, em estudo envolvendo a alimentação dos inuítes, que a epiderme da beluga também é consumida, sendo umas das principais fontes de vitamina C deste povo.

### **3.2.2. Barbatanas**

As barbatanas, por vezes chamadas de “barbas”, estão presentes na boca das espécies de baleias da subordem *Misticetos*, e são responsáveis por filtrar os minúsculos animais presentes na água que servem de alimento para as maiores criaturas que já existiram<sup>21</sup>. Feita de queratina, a mesma substância das unhas e do cabelo, é um material leve e bastante flexível, mas pode ficar rígida com o tratamento adequado. Embora se tenha poucos vestígios arqueológicos, eram utilizadas para fazer o bastão de bestas e na confecção de certas partes de equipamentos e vestuários, como manoplas, mangas de vestes e espartilhos (Van Den Hurk, 2020, p. 30).

### **3.2.3. Ossos**

Um uso mais bem documentado é o dos ossos da baleia, presente tanto em vestígios arqueológicos quanto em descrições literárias. Primeiramente, ressalta-se

---

<sup>21</sup> Não confundir com as nadadeiras, muitas vezes chamadas pelo mesmo termo.

que o osso de baleia é diferente dos ossos de mamíferos terrestres, sendo mais esponjoso e contendo alto teor de óleo. Quanto aos usos, em síntese, os ossos poderiam ser utilizados como substitutos para a madeira, sendo essencial para os povos nórdicos, cujo território não contava com abundância de árvores. Nesse sentido, Olaus Magnus (1998, livro 21, cap. 22), ao mencionar tal escassez, afirma que “(...) conseqüentemente, a Natureza providente pensou nos seus habitantes e permitiu-lhes construir casas e toda a mobília interna necessária a partir das gigantescas costelas destes animais”. Quer dizer, temos aqui uma “imagem da natureza” (Duarte, 2005, p. 78-79) como um ser senciente e providente, em um sentido divino da palavra, mostrando uma concepção antropocêntrica do universo.

Desse modo, dentre os usos possíveis para ossos estão o de vigas para construção de casas, material para a confecção de diversos instrumentos e utensílios, como tábuas de corte, pentes para escovar cabelo, lâminas, copos, chaves, peças de jogos, entre muitos outros. Por fim, novamente em substituição à madeira, os ossos de baleia também podem ser utilizados como combustível. Devido ao alto teor de óleo, são inflamáveis e podem servir como lenha (Van Den Hurk, 2020, p. 32).

Um objeto feito de osso de baleia que ficou bastante famoso é a Urna de Frank (Figura 4), uma pequena caixa produzida no início do século VIII decorada com gravuras representando cenas do folclore judeu, cristão e germânico. A frente da urna reproduz as cenas de Wayland, o ferreiro, ao lado da Adoração dos Magos. Dentre os dizeres inscritos em runas, tem-se: “O peixe bateu-se do mar para o penhasco montanhoso. O rei do terror ficou triste quando ele nadou até o cascalho. Osso da baleia”<sup>22</sup>. A inscrição parece recontar a dramática história do animal que cedeu seus ossos para a confecção da urna, e temos, retomando nosso argumento, mais um exemplo de como o caráter monstruoso dos grandes cetáceos (o qual se pode depreender pela expressão “rei do terror”) coexistia com a sua utilidade. Ademais, o fato de o entalhador indicar o material utilizado nos mostra que essa origem conferia maior valor à urna em questão (Szabo, 2005, p. 07).

---

<sup>22</sup> “*The fish beat up the sea on to the mountainous cliff. The king of terror became sad where he swam on to the shingle. Whale’s bone*” (Szabo, 2008, p 55).



Figura 4 – Urna de Frank, como apresentada no Museu Britânico<sup>23</sup>.

#### 3.2.4. Dentes e marfim

Enquanto os *misticetos* possuem barbatanas, os cetáceos da subordem *odontoceti* têm dentes. Dentre os membros mais conhecidos e importantes estão a cachalote, a orca (e os demais golfinhos), e o narval (*Monodon monoceros*), cujos dentes eram ocasionalmente utilizados para a confecção de diversos artefatos, semelhantes ao que se fabricavam com marfim proveniente de elefantes, isto é, peças de joalheria, pequenas estatuetas, cajados, teclas de piano, entre outros. Aliás, dentes suficientemente grandes para serem esculpidos são chamados de marfim, como é o caso das presas de elefantes, e dos dentes dos maiores *odontoceti*, com destaque para o narval (Van Den Hurk, 2020, p. 32-33).

Também conhecido como unicórnio-do-mar, os narvais são cetáceos de tamanho médio que habitam o oceano ártico. O que aparenta ser um enorme chifre na cabeça dos machos é na verdade um único incisivo modificado para se tornar uma presa de 2 a 3 metros de comprimento, cuja função e propósito ainda são incertos e muito debatidos por biólogos (Nweeia et al, 2009). Devido a sua aparência incomum

<sup>23</sup> Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Franks\\_Casket](https://en.wikipedia.org/wiki/Franks_Casket). Acesso em: 1 mar. 2024.

e raridade nos oceanos mais ao sul, os narvais eram capturados no ártico e a presa era reapropriada como chifre de unicórnio e revendida para nobreza europeia, supersticiosa dos poderes milagrosos de cura associados ao unicórnio e seu chifre. Van den Hurk (2020, p. 33) conta que Carlos, o Ousado, duque de Burgundy, colocou quatro “chifres de unicórnio” em cada canto do aparador usado em seu casamento com Margarete de York, em 1468, de modo a trazer sorte ao matrimônio.

### **3.2.5. Óleo e gordura**

Por serem animais de sangue quente, mas que muitas vezes habitam águas congelantes, a maioria dos cetáceos possui uma camada de gordura bastante espessa como isolante térmico. Além disso, a gordura no seu corpo ajuda na capacidade de flutuar e é uma reserva de energia para tempos de escassez de alimentos (Van Den Hurk, 2020, p. 34). Olaus Magnus (1998, livro 21, cap. 21) afirma que essa gordura poderia ser renderizada para produzir azeite, sabão e misturada com mel para a fabricação de um poderoso medicamento para a visão.

Mais importante e de maior impacto tanto para as baleias quanto para a humanidade, é o óleo de baleia, o qual pode ser extraído da gordura, dos ossos, e, a depender da espécie, do melão, órgão específico para uso da ecolocalização. Este óleo teve diversas utilizações, entre elas a fabricação de sabão, lubrificantes e impermeabilizantes, e, de maior relevância, para acender lamparinas (Van Den Hurk, 2020, p. 35). Embora hoje nos pareça banal, o óleo de baleia foi de extrema importância para os povos nórdicos no embate com a noite, considerando que nos meses de inverno as horas de luminosidade eram escassas (Magnus, 1998, livro 21, cap. 20). Séculos mais tarde, essa foi a principal razão para a matança de baleias que levou muitas espécies à beira da extinção. No mínimo irônico que um “ser das trevas” fosse o responsável por trazer a luz e iluminar as noites.

### **3.2.6. Espermacete e âmbar-gris**

O espermacete é a cera líquida presente na cabeça da cachalote, e recebeu esse nome por sua semelhança com sêmen, a ponto de se acreditar que esta baleia guardava seu esperma na cabeça, e este sentido inclusive está presente na obra de Olaus Magnus (1998, livro 21, cap. 18). A única fonte medieval que menciona com

clareza este uso é um texto de Albertus Magnus, o qual descreve que, após um encalhe de um cachalote, os locais encheram onze garrafões com espermacete, embora não especifique quais seriam os usos. De todo modo, é provável que seja um uso semelhante ao do óleo e da gordura (Van Den Hurk, 2020, p. 35).

Quanto ao âmbar-gris, apelidado de “ouro flutuante”, consiste numa substância odorífera, gordurosa e inflamável, formada no estômago e intestino das cachalotes. Acredita-se que seja fruto da dieta desses animais, que consiste predominantemente de lulas gigantes, sendo o âmbar formado a partir dos bicos indigestíveis destes animais em conjunto com secreções da baleia para proteger suas entranhas (Melo, 2012, p. 241). Na maioria dos casos, os bicos das lulas são regurgitadas e só raramente chegam ao intestino para se formar o âmbar-gris. Estima-se que apenas uma cachalote entre cem produzem a substância, e por isso é um produto raríssimo. No medievo, era utilizado como incenso, afrodisíaco, laxante, vela e na produção de remédios. Acreditava-se que podia curar doenças cardíacas, dor de garganta, tosse, paralisia e até histeria (Van Den Hurk, 2020, p. 36).

Embora muito valioso e buscado, durante muito tempo a origem do âmbar-gris era desconhecida, sendo inclusive debatida em algumas fontes. Olaus Magnus (1998, livro 21, cap. 18), por exemplo, discute se a substância viria do mar e é engolida pelas baleias, ou se viria das próprias criaturas. Lembramos que o âmbar-gris, após passar por todo o processo digestivo, acaba expelido pela baleia, e por isso é possível encontrar o material tanto flutuando no mar e nas praias, quanto dentro do intestino dos cachalotes, daí a confusão do último arcebispo de Upsala.

#### 4. CONCLUSÃO

Após este estudo, com fontes tão diversas no tempo, espaço e escopo, podemos responder algumas das questões levantadas lá no início, utilizando aqui o método da montagem inspirada em Walter Benjamin, o qual valoriza os fragmentos, a descontinuidade e as afinidades (Do Ó, 2020). Em primeiro lugar, quanto às percepções dos habitantes da Europa medieval acerca de baleias, vimos que o caráter monstruoso e sobrenatural se sobressaía, em face principalmente das histórias bíblicas e de textos clássicos, como de Plínio e o Fisiólogo. Esta concepção foi posteriormente enfatizada em textos tanto medievais quanto do começo da modernidade, como nos Bestiários, na história de Porfírio, no Espelho do Rei e na Descrição dos Povos do Norte. No entanto, esse imaginário de uma criatura monstruosa, ligada às forças malignas, coexistia com uma outra percepção, mais mundana, isto é, a de uma animal capaz de prover recursos valiosos, principalmente em se tratando de marinheiros, pescadores, e povos mais ligados ao mar, como é o caso dos nórdicos (Szabo, 2005, p. 13). Cristina Brito (2019, p. 18) identifica que essas diferentes percepções muitas vezes correspondem com o animal vivo ou morto. Isto é, uma baleia viva inspirava temor e representava perigo, enquanto uma morta era um recurso importante, por vezes até um presente divino. De todo modo, embora todo conceito seja por si só polissêmico (Koselleck, 2006, p. 108-109), aqui podemos perceber uma profunda transformação quanto ao uso corrente de “monstro” como conceito, do período medieval para os dias atuais, em que ele passa de significar algo real e até mesmo palpável, para algo mais comumente usado para denotar seres míticos ou fantasiosos, ou para adjetivar algo de caráter horrendo, enquanto o inverso teria ocorrido com as baleias.

Não podemos afirmar, ademais, que tenha havido uma mudança progressiva no imaginário sobre as baleias de monstro para recurso, pois a obra de Olaus Magnus, por exemplo, foi escrita séculos depois do Espelho do Rei e este trata as baleias muito mais naturalmente do que o arcebispo. Nesse sentido, percebemos também que essa concepção, embora tenha variado relativamente pouco nos séculos estudados, mudava bastante com relação ao espaço geográfico, e, no caso de obras literárias e imagéticas, a condição social de seu autor. Como dito, os povos que tinham uma ligação mais íntima com o mar e as criaturas que lá habitam tendem a ter percepções mais mundanas em relação aos cetáceos, como pudemos observar no Espelho do

Rei, em que a baleia como recurso se sobressai ao monstro, e no Colóquio de Aelfric, em que o mestre e o pescador tratam o animal apenas como um peixe, um particularmente grande, perigoso e potencialmente lucrativo. No caso dos povos nórdicos, temos ainda a singularidade que Vicki Szabo (2008, p. 203) chama de “baleias boas”, raros casos em que estes animais eram descritos de maneira positiva, como é o caso das *fish drivers*.

Ressaltamos também que, embora por vezes alguns dos autores identifiquem características semelhantes aos mamíferos terrestres, como parir e amamentar seus filhotes, a baleia é consensualmente descrita e imaginada como um peixe gigante, vindo daí o seu caráter monstruoso (Kappler, 1993, p. 178). É diferente do que ocorria com as focas, por exemplo, em que um texto (Magnus, 1998) afirma que seriam peixes, enquanto outro (The King’s Mirror, 1917) afirma que seriam animais terrestres. Essa diferença era importante para se definir se podiam ou não serem consumidas nos períodos de jejum, ou seja, carne de baleia era consensualmente permitida na quaresma, por exemplo.

Desse modo, quanto às formas de aquisição, o consenso na historiografia até pouco tempo é que era restrita aos indivíduos que encalhavam nas praias. No entanto, fontes literárias e evidências arqueológicas demonstram que essa não era a única forma. Em primeiro lugar, essa diferença entre animal encalhado ou caçado nem sempre se dá de modo claro (Szabo, 2008, p. 247). Como vimos, um dos métodos de abate mais comum era perseguir e guiar o cetáceo até a praia e forçar o encalhe, assim como era possível que um animal, ferido em alto mar durante uma caçada, acabasse encalhando. Assim, embora tenha sido muitas vezes uma atividade oportunista, observamos que a caça às baleias existia no período medieval, mesmo sendo uma empreitada de alto risco.

Por outro lado, justamente por ser um recurso raro, uma vez obtida, toda a baleia era aproveitada, o que difere do que ocorria em tempos industriais mais recentes, em que a demanda acelerada por insumos fazia com que embarcações especializadas matassem baleias por um único produto e o resto fosse devolvido ao mar (Melo, 2012, p. 250-255). Ao que pudemos observar pelas fontes analisadas, contudo, ao menos no período estudado, o que ocorria era um aproveitamento quase que total da carcaça, na medida do possível, e fazia-se uso da carne como alimento; a pele e as barbatanas como material para confecção de acessórios diversos; os ossos como substituto da madeira, tanto como lenha, quanto para fabricação de

objetos, móveis e material de construção; os dentes e o marfim para a criação de objetos diversos e obras de arte; o óleo, a gordura e o espermacete como azeite, impermeabilizante, óleo de lamparina, sabão, medicamento, entre outros; e ainda o misterioso âmbar-gris, usado como incenso, vela, afrodisíaco, medicamento, e muito mais. Vale observar ainda que, numa demonstração cabal da coexistência do caráter útil com o sobrenatural, muitas vezes os objetos feitos a partir de baleias retinham características místicas, como pudemos analisar pela Urna de Frank e pelos dizeres de Olaus sobre as casas feitas com costela de baleia (Szabo, 2005, p. 07-13). Concluimos este trabalho, portanto, com a afirmação de que, para os habitantes do Medievo, a baleia era um bom exemplo de que monstros de fato existiam e podiam ser, além de assustadores, bastante úteis para a humanidade, desde que houvesse pessoas corajosas o suficiente para enfrentá-los.

## 5. REFERÊNCIAS

### 5.1. FONTES PRIMÁRIAS E SECUNDÁRIAS (OU DOCUMENTOS):

COOK, Albert S. **The Old English Physiologus**. London: Oxford University Press, 1821. Disponível em: <https://www.loc.gov/item/22009171/> Acesso em: 20 jan. 2024.

THE KING'S MIRROR (***Speculum Regale***). Tradução de Laurence M. Larson. New York: The American-Scandinavian Foundation, 1917.

MALAXECHEVERRIA, Ignacio. **Bestiario Medieval**. Madrid: Siruela, 2002.

MAGNUS, Olaus. **A Description of the Northern Peoples (1555)**. v. III. Tradução de P. G. Foote. New York: Routledge, 1998.

PROCÓPIO De Cesareia. **Historia de las Guerras**, Libros VII-VIII. Tradução de Francisco Romero. Madrid: Gredos, 2007.

PROKOPIOS. **The Secret History with related texts**. Tradução de Anthony Kaldellis. Indianapolis: Hackett, 2010.

SWANTON, Michael (ed.). **Anglo-Saxon Prose**. London: J.M. Dent & Sons, 1975.

### 5.2. ESTUDOS

ADAMSON, Peter; EDWARDS G. Fay (eds.). **Animals: A History**. New York: Oxford University Press, 2018.

ASSIS, Raquel A. L. de. História Comparada: por que usar e como usar. **Boletim Historiar**, v. 05, n. 03, jul./set. 2018, p. 54-63. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/historiar/article/view/10104>. Acesso em: 28 set. 2023.

BACZKO, Bronislaw. A Imaginação Social. In: LEACH, Edmund et al. **Anthropos-Homem**. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BAIRD, Robin William. **Foraging Behaviour and Ecology of Transient Killer Whales (Orcinus Orca)**. Tese de PhD. Simon Fraser University, Burnaby, CA, 1994.

BARRET, James H; LOCKER, Alison M.; ROBERTS, Callum M. The origins of intensive marine fishing in medieval Europe: the English evidence. *In: Proceedings of the Royal Society of London. Series B: Biological Sciences* Volume 271, Issue 1556, 2004, p. 2417-2421.

BARROS, José D'Assunção. **História Comparada**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

BIAZOTTO, Thiago do Amaral. Aristóteles e a História dos Animais: a questão do antropocentrismo entre zoologia e ética. **História da Historiografia**. v. 15, n. 40, p.

116-143, set.-dez. 2022. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1940/1011>. Acesso em: 28 set. 2023.

BRITO, Cristina; VIEIRA, Nina; FREITAS, Joana G. The Wonder Whale: a commodity, a monster, a show and an icon. **Anthropozoologica**, v. 54, n. 3, 2019.

CABRAL, Diogo de Carvalho. Horizontality, Negotiation and Emergence: Toward a Philosophy of Environmental History. **HALAC – Historia Ambiental, Latinoamericana y Caribeña**, v. 11, n. 3, 2021, p. 234-258.

CAMPOS, Carlos Eduardo. A História Comparada e suas Vertentes: uma revisão historiográfica. **Historiae** 2 (3): 187-195, 2011. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2618>. Acesso em: 28 set. 2023.

CHARTIER, Roger. O Mundo como Representação. **Estudos Avançados** 11 (5), 1991. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8601>. Acesso em: 28 set. 2023.

CLARK, C. W. Acoustic Behavior of Mysticete Whales. In: THOMAS, J; KASTELEIN, R. **Sensory Abilities of Cetaceans**. New York: Plenum Press, p. 571–583.

DEMELLO, Margo. **Animals and Society: An Introduction to Human-Animal Studies**. New York: Columbia University Press, 2012.

DUARTE, Regina. História e História Ambiental. In: DUARTE, Regina. **História & Natureza**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 75-88.

DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

ESPIG, Márcia J. O Conceito de Imaginário: reflexões acerca de sua utilização pela História. **Textura**, n. 9, nov. 2003 a jun. 2004, p. 49-56. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/701>. Acesso em: 28 set. 2023.

FALCON, Francisco. História e representação. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; MALERBA, Jurandir (orgs.). **Representações: Contribuições a um debate transdisciplinar**. Campinas, SP: Papirus, 2000.

FERREIRA, Andressa Furlan. A baleia na literatura nórdica medieval. In: LANGER, Johnni; POSSEBON, Fabrício (orgs.). **Deuses, animais e xamãs: Ensaio de mitologia nórdica**. João Pessoa: UFPB, 2018.

KAPPLER, Claude. **Monstros, demônios e encantamentos no fim da Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2006.

LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana. **O que é Imaginário**. Brasília: Brasiliense, 1997.

LARSON, Laurence M. Introduction. In: THE KING'S MIRROR (*Speculum Regale*). Tradução de Laurence M. Larson. New York: The American-Scandinavian Foundation, 1917.

MARTIN, Angela; PEARSON, Heidi C.; SABA, Grace K.; OLSEN, Esben M. Integral functions of marine vertebrates in the ocean carbon cycle and climate change mitigation. **One Earth** 4, Maio 2021. Disponível em: [https://marine.rutgers.edu/wp-content/uploads/2021/05/Martin-et-al.-2021\\_One-Earth.pdf](https://marine.rutgers.edu/wp-content/uploads/2021/05/Martin-et-al.-2021_One-Earth.pdf). Acesso em: 28 set. 2023.

MELO, Patrícia P. de. Mar Vermelho, Lamparinas Acesas: história e ambiente da caça à baleia no Brasil dos séculos XVII, XVIII e XIX. In: ROSAS, Suzana Cavani; MELO, Patrícia P. de. **Poder, sociabilidades e ambiente**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.

MIRANDA, Adelaide; CHAMBEL, Pedro (orgs.). **Bestiário Medieval: Perspectivas de Abordagens**. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais (IEM), 2014.

NWEEIA, Martin T., NUTARAK, Cornelius, EICHMILLES, Frederick C., EIDELMAN, Naomi, GIUSEPPETTI, Anthony A., QUINN, Janet, MEAD, James G., K'ISSUK, Kaviqanguak, HAISCHKA, Peter V., TYLER, Ethan M., POTTER, Charles W., ORR, Jack R., AVIKE, Rasmus, NIELSEN, Pavia, and ANGNATSIK, David. "Considerations Of Anatomy, Morphology, Evolution, and Function for Narwhal Dentition." in **Smithsonian at the Poles: Contributions to International Polar Year Science**, edited by Krupnik, Igor, Lang, Michael A., and Miller, Scott E., 2009, p. 223–240.

NØTTESTAD, L., FERNO, A., MACKINSON, S., PITCHER, T., MISUND, O. A. How whales influence herring school dynamics in a cold-front area of the Norwegian Sea. – **ICES Journal of Marine Science**, 59: 393–400, 2002.

DO Ó, Jorge Ramos; VALLERA, Tomás. A oficina do fragmento: Método e processo historiográfico em Walter Benjamin. **História da Historiografia**, v. 13, n. 32, pp. 331-366, 2020. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1570>. Acesso em: 28 set. 2023.

PASSMORE, John. Atitudes Frente à Natureza. **Revista de Geografia**, v. 11, n. 2, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/cadernosdehistoriaufpe/article/view/110029>. Acesso em: 28 set. 2023.

PESAVENTO, Sandra J. Em Busca de uma Outra História: Imaginando o Imaginário. **Revista Brasileira de História**, v. 15, n. 29, p. 09-27, 1995. Disponível em: [https://www.anpuh.org/arquivo/download?ID\\_ARQUIVO=3770](https://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=3770). Acesso em: 28 set. 2023.

ROMAN, Joe. MCCARTHY, James J. The Whale Pump: Marine Mammals Enhance Primary Productivity in a Coastal Basin. **PLoS ONE** 5(10), 2010. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0013255> Acesso em: 28 set. 2023.

ROTH, Wolfgang. A Semântica histórica: um campo abandonado da linguística? **Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 2, p. 61-79, 1998. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59659>. Acesso em: 28 set. 2023.

SALISBURY, Joyce E. **The Beast Within: Animals in the Middle Ages**. New York: Routledge, 2022.

SZABO, Vicki Ellen. **Monstrous Fishes and Mead-Dark Sea: Whaling in the Medieval North Atlantic**. Leiden: Brill, 2008.

\_\_\_\_\_. “Bad to the bone”? The Unnatural History of Monstrous Medieval Whales. The Heroic Age: **A Journal of Early Medieval Northwestern Europe**, Issue 8, June 2005. Disponível em: <http://www.heroicage.net/issues/8/szabo.html> Acesso em: 28 set. 2023.

THOMAS, Keith. **O Homem e o Mundo Natural**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, 1991, p. 198-215. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2324>. Acesso em: 28 set. 2023.

\_\_\_\_\_. Transformações da Terra: Para uma perspectiva agroecológica na História. **Ambiente & Sociedade**, v. V, n. 2, ago./dez. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/asoc/a/ygCBYvtmDL4vF59M98DhfnN/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 28 set. 2023.

VAN DEN HURK, Youri. **On the Hunt for Medieval Whales: Zooarchaeological, historical and social perspectives on cetacean exploitation in medieval northern and western Europe**. UCL Institute of Archaeology PhD Series 4. Oxford: BAR Publishing, 2020.